

GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO

REVISTA QUINZENAL FUNDADA EM 1888

COMÉRCIO E TRANSPORTES - ECONOMIA E FINANÇAS - ELECTRICIDADE E TELEFONIA - OBRAS PÚBLICAS
- NAVEGAÇÃO E AVIAÇÃO - AGRICULTURA E MINAS - ENGENHARIA - INDÚSTRIA E TURISMO

Integrada na «Associação Portuguesa da Imprensa Técnica e Profissional»
e na «Federação Internacional da Imprensa Técnica e Periódica»

Premiada nas exposições: GRANDE DIPLOMA DE HONRA: Lisboa, 1898. — MEDALHAS DE PRATA: Bruxelas, 1897; Pôrto, 1897; Liége, 1906;
Rio de Janeiro, 1908; Pôrto, 1934. — MEDALHAS DE BRONZE: Antuérpia, 1894; S. Luiz, (Estados Unidos), 1904

Delegado em Espanha: EUGENIO DEL RINCON, Don Ramón de la Cruz, 83 — Madrid
Delegado no Pôrto: ALBERTO MOUTINHO, Avenida dos Aliados, 54 — Telefone 893

FUNDADOR

L. DE MENDONÇA E COSTA

DIRECTORES

Conselheiro FERNANDO DE SOUSA
ENGENHEIRO

CARLOS D'ORNELLAS
(Editor e Proprietário)

SECRETARIOS DA REDACÇÃO:

OCTÁVIO PEREIRA

ARMANDO FERREIRA
ENGENHEIRO

REDACÇÃO

Eng.º M. DE MELO SAMPAIO

DR. AUGUSTO D'ESAGUY

JOSÉ DA NATIVIDADE GASPAR

Dr. ALFREDO BROCHADO

ANTÓNIO GUEDES

JOSÉ A. DA COSTA PINA

ALEXANDRE SETTAS

COLABORADORES:

General JOÃO DE ALMEIDA

General RAUL ESTEVES

Coronel CARLOS ROMA MACHADO

Coronel Eng.ª ALEXANDRE LOPES GALVÃO

Coronel de Eng.ª ABEL URBANO

Engenheiro CARLOS MANITTO TORRES

Capitão de Eng.ª MÁRIO COSTA

Engenheiro D. GABRIEL URIGUEN

Capitão de Eng.ª JAIME GALO

Capitão HUMBERTO CRUZ

ANTONIO MONTEZ

DELEGAÇÕES

Espanha — EUGENIO DEL RINCON

Pôrto — ALBERTO MOUTINHO

PREÇOS DAS ASSINATURAS E NÚMEROS AVULSO

PORtUGAL (semestre)	30\$00
ESTRANGEIRO (ano) £	1.00
FRANÇA (ano) francos	100
ÁFRICA (ano)	72\$00
Empregados ferroviários (trimestre)	10\$00
NÚMERO AVULSO	3\$00
NÚMEROS ATRAZADOS	5\$00

SUMÁRIO DÊSTE NÚMERO

O abastecimento de águas à Cidade de Lisboa, As obras da Base Naval, pelo Eng.^o J. FERNANDO DE SOUZA. — O Problema dos Transportes de Mercadorias. — As Festas Centenárias, por C. O. — Caminhos de Ferro Coloniais. — «Gazeta dos Caminhos de Ferro». — Notas de Viagem, por JOSÉ DA NATIVIDADE GASPAR. — O Avião, grande maravilha do século XX, por FAUSTO GONÇALVES. — A C. P. em 1939, pelo Eng.^o J. FERNANDO DE SOUZA. — A Guerra de Espanha. — Uma experiência de colonização em Angola. — Portugal Histórico. — O Caminho de Ferro em Portugal, por JOSÉ LUCAS COELHO DOS REIS. — O que se fez em Caminhos de Ferro em 1938-39. — Linhas Estrangeirás. — A Guerra e os Caminhos de Ferro. — J. Fernando de Souza. — Viagens e Transportes. — Vida Ferroviária. — Tenente Carlos Rodrigues. — Sintra e os seus problemas, por REBELO DE BETENCOURT. — Amadora. — Queluz e o seu histórico e romântico Palácio, por F. G. — Os nossos mortos. — Parte oficial

O abastecimento de águas

á Cidade de Lisboa

As obras da Base Naval

Pelo Engº J. FERNANDO DE SOUZA

Publicamos nêste número da *Gazeta* um ilucidativo artigo, em que é feita com proficiência a breve história do abastecimento de águas de Lisboa que entrou com o contrato de 1867 numa fase regular e satisfatória.

Com o decorrer dos tempos, o aumento considerável de população exigia novas e rasgadas providências, utilizando o valioso instrumento criado pela instituição da Companhia em vez de jacobinas arremetidas contra ela, como sucedeu após o advento da república até ao movimento nacional de 28 de Maio.

Dá conta o artigo do fruto de estudos e negociações de que resultaram as obras actuais, que asseguram, com a maior larguesa, o consumo de largo período a população muito mais numerosa que a actual.

Não deve ficar esquecido um plano de larga envergadura, que representa, de futuro, para Lisboa, a solução radical do problema do abastecimento abundante de boa água, conjugado com a resolução de outros problemas de grande monta.

As Companhias do Gaz e Electricidade procuraram a forma de obter, por baixo preço e em abundância, energia hidro-eléctrica em vez da termo-eléctrica actualmente consumida.

Aproveitaram-se pois estudos já iniciados por outra emprêsa para a construção de albufeiras no Vale do Zézere, que é o principal afluente do Tejo nascido em terra portuguesa e cujas cheias têm grande influência no Tejo inferior.

É sobretudo no Cabeço de Bode que se pensou em construir uma grande albufeira que desse enorme quantidade de energia para o Sul do país, e constituíria um grande reservatório de regularização das cheias e poderia subministrar excelente água em abundância para ser trazida a Lisboa e também para ser aproveitada em regas.

Esse plano foi estudado — se não estámos em êrro — e chegaram a estar assentes os termos da concessão, que esbarrou na cláusula de ser pela Companhia utilizada a rede geral de distribuição de energia sem se definirem as respectivas condições.

Actualmente o estudo da albufeira de Cabeço de Bode está sendo feito pela Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos.

É uma obra importantíssima, de extraordinário alcance para o fornecimento de energia hidro-eléctrica barata em grande

quantidade e contribue para a regularização do regime do Tejo. O distinto engenheiro Noronha de Andrade, no seu magistral estudo das cheias do Tejo, referiu-se a essa albufeira como elemento com que se deve contar para a regularização do caudal do Tejo. Não deve, pois, ser esquecido êsse grande melhoramento, que assegurará, se um dia fôr necessário, a super-abundância de água em Lisboa, em vez de captação das águas do Tejo em Santarém, que foi objecto de um dos projectos elaborados.

Os estudos feitos tinham mostrado a necessidade de duplicar os sifões do canal do Alviela de vazão inferior à do canal de aproveitar as águas de Ota. Juntaram-se a estas as despesas e assim se chegou à situação desafogada de hoje.

Antes do advento do Estado Novo, houve a mais injusta hostilidade contra a Companhia, manifestada na imprensa e debates parlamentares, em que se propunha o resgate da concessão. A questão foi debatida no Senado e lá se demonstraram os inconvenientes dessa solução, preferível à qual era novo convénio com a Companhia, como o provam os resultados a que chegou o sr. Duarte Pacheco.

* * *

Outro artigo publicamos sobre as obras da Base Naval.

Como é sabido, o plano geral das obras

do pôrto de Lisboa, que se executou, previa a conservação do Arsenal de Marinha no local onde êste existiu.

O reconhecimento da exiguidade e mau ordenamento das suas instalações mesmo melhoradas por Croneau fez radicar a ideia, por muitos aventada, da sua transferência para a outra margem.

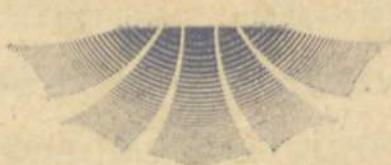
Várias comissões foram sucessivamente nomeadas até que se escolheu a vizinhança do Alfeite para local do novo Arsenal, conjugado na construção com a da estação do Sul e Sueste.

O ante-projecto, elaborado proficientemente pelo distinto engenheiro sr. Santos Viegas, serviu de base, após várias modificações, à adjudicação de empreitada de parte dos trabalhos. Entretanto construiram-se quarteis para os marinheiros e para a Escola Naval.

O projecto de Santos Viegas comprehenda os edifícios e molhes precisos para a base naval.

Quando se ia assinar o contrato de primeira empreitada do Arsenal, houve manejos que fizeram suspender a assinatura do contrato. A enérgica atitude tomada pela *Época* numa série de artigos esclareceu a situação e deu lugar à reconsideração e à assinatura do contrato.

Do que se tem feito em relação à base naval dá conta o artigo que adiante publicamos.



UMA OBRA**GRANDIOSA**

O abastecimento de águas à Cidade de Lisboa

foi solucionado para o presente e para um futuro de perto de meio século quando a capital atinja um milhão de habitantes

O fornecimento de águas à cidade de Lisboa foi até há pouco tempo um problema de dificílima solução. Por isso o abastecimento da cidade durante séculos até ao reinado de D. João V foi precário havendo épocas de aflitiva situação.

A construção do Aqueduto das Águas Livres proporcionou a Lisboa a água suficiente para os gastos de então. Mas passados anos o aumento da população pôz novamente em causa o problema de melhor abastecimento. E a situação foi-se agravando, de ano para ano, até que, em 1858,

com a celebração do contrato com a primeira Companhia das Águas se tratou de resolver o assunto. Porém esta primeira companhia devido a demandas com proprietários e a grandes gastos de obras, que consumiram o seu capital, teve duração efémera e assim em 1863 era expropriada por não haver cumprido o contracto.

Entretanto a formação, graças à iniciativa particular, de nova emprêsa, permitiu que se chegasse à constituição da 2.^a Companhia, a actual, cujo contracto foi feito em 1867.

Por esforços do dr. Carlos Zeferino Pinto Coelho, homem de acção e iniciativa, que dirigiu a Companhia, fez-se a captação das águas do Alviela fornecendo-se assim em abundância água à cidade.

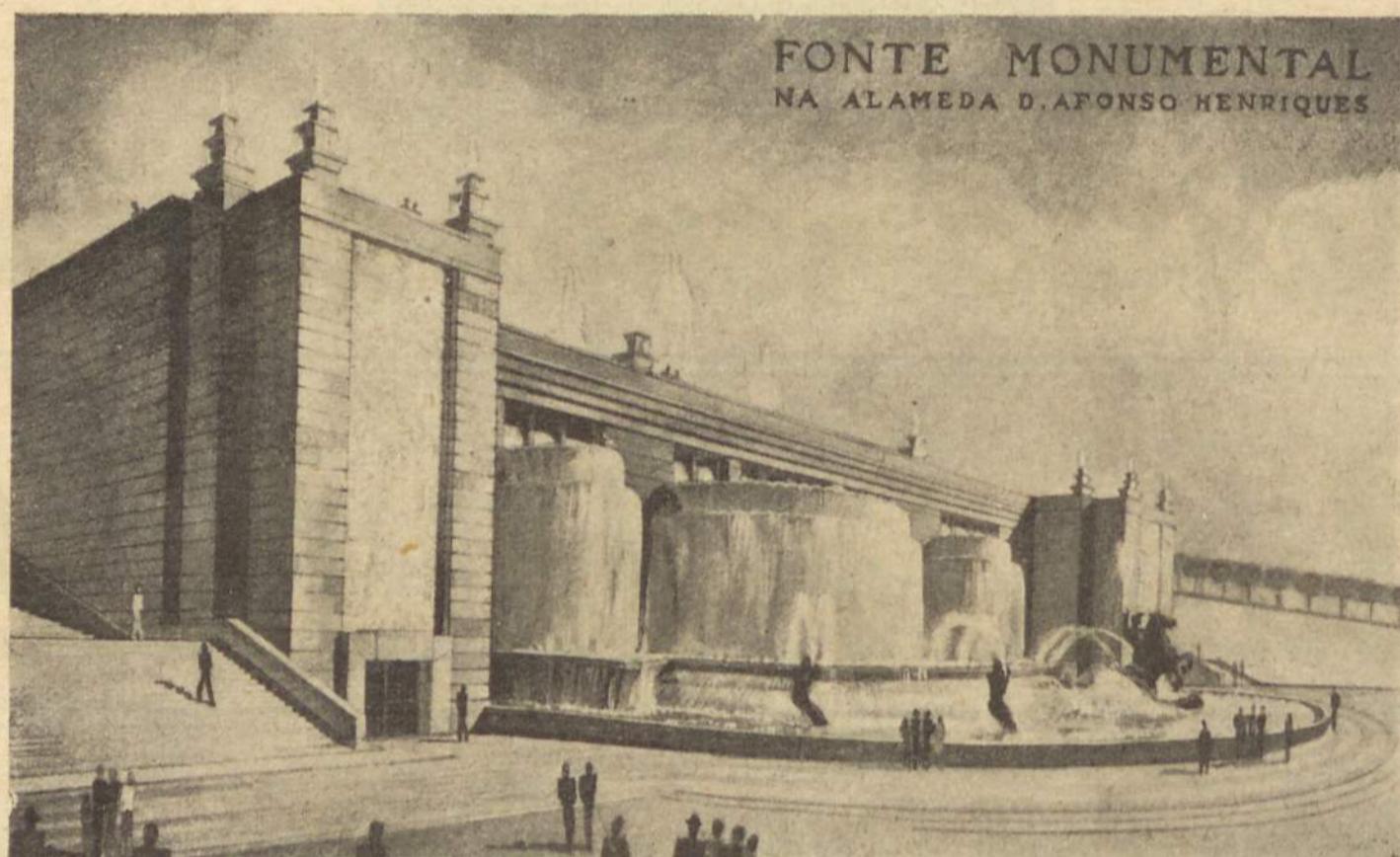
Contudo a partir de 1900 o consumo de água aumenta, Lisboa alarga a periferia e a população, e volta a sentir-se necessidade de trazer outras e mais águas.

Atentos às necessidades da população, cada vez maiores, os dirigentes da Companhia empreenderam, por sua iniciativa, estudos de melhor abastecimento e encarregaram o engenheiro Severo da Cunha de

cresciam sempre. A solução definitiva só foi finalmente conseguida em 1932 pelo novo contracto de 31 de Dezembro.

Estabeleceu-se então um vasto plano de obras que tem sido executado com a valiosa colaboração da Companhia, mercê não só do seu ilustre director como do excelente grupo de técnicos que o distinto engenheiro sr. Severo da Cunha dirige.

Foi a acção do Governo pelo empreendedor Ministro das Obras Públicas e Comunicações, o Professor e engenheiro sr. dr. Duarte Pacheco, que, mediante a celebração d'este contracto, conseguiu que a capi-



elaborar um projecto de toma de água no Tejo.

Dificuldades surgiram, designadamente a da guerra de 1914 e o aumento do custo da vida sem a compensação do respectivo aumento de receitas da Companhia e não permitiram que, apesar de toda a boa vontade dos directores da emprêsa, homens de energia e inteligência, se puzesse em execução o projecto. Graças, no entanto, à pertinácia do sr. Carlos Pereira, o infatigável actual director, fez-se em 1924 a captação das águas de Ota, o que demonstra a boa vontade da Companhia.

Não foi bastante porque as necessidades

tal já não senta a falta de água que cronicamente acontecia no verão e não mais em período largo, com a população aumentada para um milhão se note tal carência.

O contracto prevê obras que permitem que daqui a 40 anos a cidade e os seus arredores possam dispôr de 325.000 metros cúbicos, bastantes para o milhão de habitantes que, segundo as estatísticas, pode supor-se, atinja Lisboa.

Com as modificações introduzidas pela Comissão de Fiscalização das Obras de Abastecimento de Água à Cidade de Lisboa, organismo criado pelo denodado Ministro e dirigido por um grupo de ilustres enge-

nheiros, as obras feitas permitem captar as seguintes águas novas:

Poços do Carregado . . .	25.000 m ³
Poços do Espadaval. . .	42.000 »
Poço da Quinta do Campo	10.000 »
Ressurgência de Alenquer	23.000 »
Total. . .	100.000 m ³

Haverá portanto disponível para consumo da cidade 140.000 m³ por dia, visto que anteriormente se recebiam no verão quarenta mil.

As obras realizadas já permitiram que, desde 1933, a cidade não sinta falta de água.

Já se fizeram a captação da ressurgência de Alenquer, da Iniciativa da Comissão de Fiscalização, de duplicação dos sifões do Alviela, que permite maior transporte de água, a construção do canal do Tejo com idêntico fim, as captações nas Lezírias do Tejo com os poços do Carregado, do Espadanal e Quinta do Campo, e finalmente

a ampliação e melhoria da rede de distribuição da cidade.

Até fins de 1939 as principais obras realizadas importaram em cerca de 105.000 contos, o que dá ideia da grandeza do empreendimento.

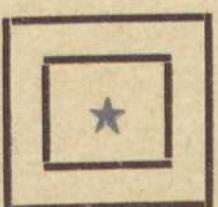
Presentemente continuam as obras previstas no contracto e está a tratar-se já do abastecimento das áreas suburbanas. Fornece-se água ao concelho de Oeiras e existem negociações para o fornecimento à Amadora, Queluz e Sintra bem como a Alcanena.

Para o abastecimento de Cascais está a montar-se uma conduta que terá a extensão aproximada de 25 quilómetros.

O abastecimento de águas à cidade de Lisboa, presente e futuro—para um futuro de perto de meio século—está pois assegurado. É um grande problema resolvido.

Salientemos a obra e louvemos os seus denodados empreendedores.

De tôdas as realizações do Estado Novo é esta por certo a que mais gratidão merece à população de Lisboa.



AS OBRAS DA BASE NAVAL

A Base Naval de Lisboa era uma urgente e importante necessidade de natureza militar e de ordem urbana.

A antiga base — ou pequenas bases, poderemos dizer, que existiam — carecia de condições militares e navais e constituía um estorvo para a cidade e um perigo sério em caso de guerra para os gloriosos monumentos que quedavam próximos, designadamente a singular Torre de Belém e o grandioso edifício dos Jerónimos, juntos das docas dos submersíveis e dos hidros.

Uma base naval, além dos naturais requisitos e de localização especial, exige próximas instalações de serviços de aprovisionamento em terra, e estas, no velho Arsenal, tornavam-se obstáculos à via pública que há-de embelezar a cidade à margem do Tejo e descongestionar artérias de intenso e extra-abundante trânsito.

Naval e militarmente a antiga base ou as pequenas bases estavam expostas a todos os contratempos. Disto partiu em especial a iniciativa da construção da nova base naval. Era uma necessidade imperiosa.

Antigas sugestões de locais — há cerca de meio século Miguel Pais propuzera a passagem do Arsenal, atrás do qual natu-

estão a ser executadas com grande incremento concorrendo assim para a solução rápida dum problema da cidade de Lisboa

Longo e porfiado foi este trabalho de estudo.

O assoreamento do estuário, a viabilidade das obras nos seus detalhes em tais locais, sobretudo as do Alfeite, o plano das obras propriamente de carácter marítimo, as instalações que têm de ser dotadas conforme as exigências modernas, etc. levaram necessariamente a um plano geral, largo e trabalhoso que havia de demorar tempo.

Mas a Comissão das Obras da Base Naval de Lisboa soube aproveitar bem o tempo e assim, mercê do curso do que já está realizado e em via de conclusão, pode afoitamente considerar-se uma realização êste empreendimento que, por todos os motivos, é grandioso.

Esta base naval exige, além de boas condições de abrigo contra intempéries e guerra, facilidades de entrada e saída, rápidos embarques e desembarques de pessoal e material, comunicações sem quaisquer entraves, e, por outro lado, excelentes instalações em terra para os Serviços Marítimos, depósitos de abastecimento de material e munições de guerra, aprovisionamento de combustíveis, de mantimentos, etc., quartéis para alojar o pessoal dos na-

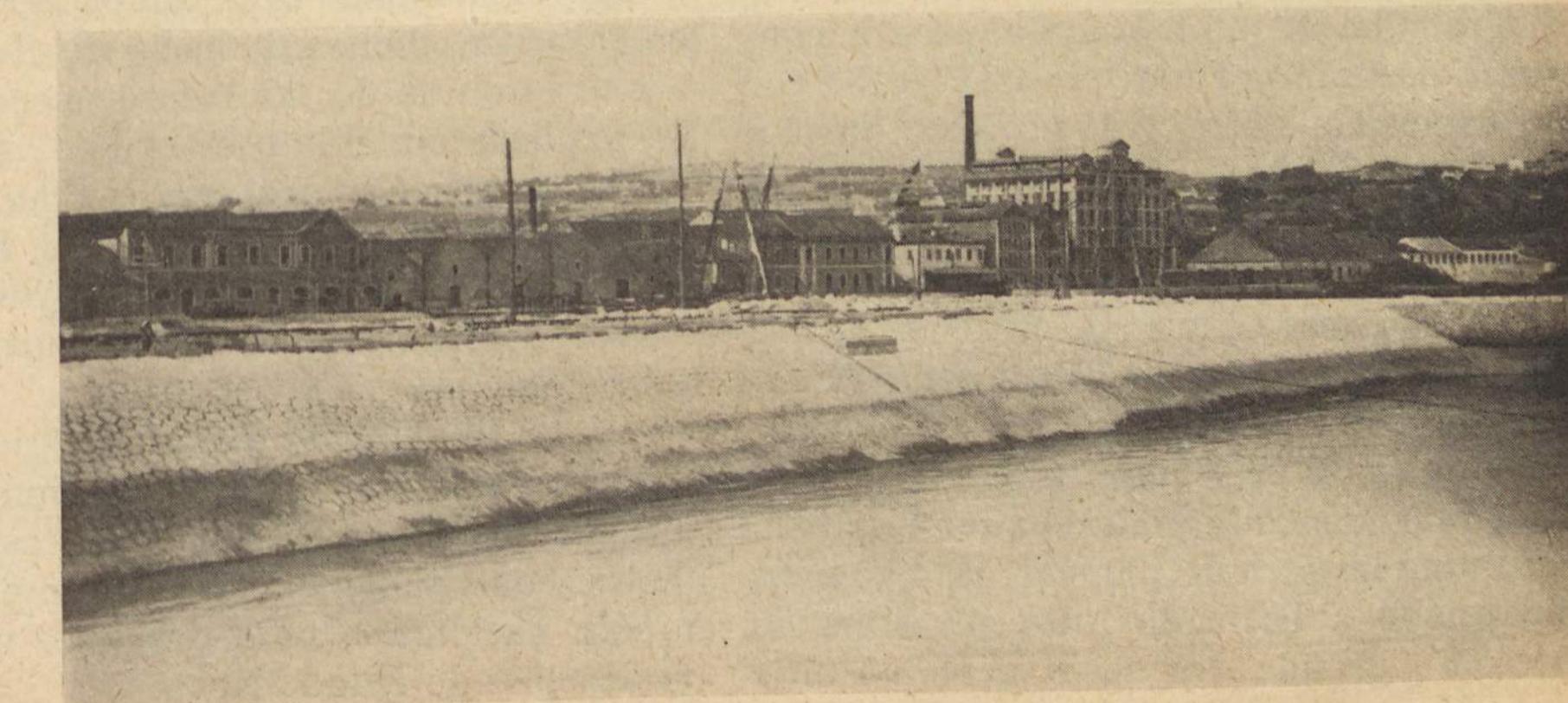
ralmente seguiria a transferência do ancoradouro dos navios de guerra, para a Outra Banda — levaram a comissão respectiva a encaminhar os seus estudos para a margem Sul do Tejo. E após aturado estudo não só primeiro foi resolvido passar o Arsenal para o Alfeite, como depois aceite estabelecer as bases dos submersíveis e navios de

superfície aí e a dos hidros no Montijo, na Outra Banda também. Assim chegaram a tal finalidade de local as comissões nomeadas para êsse efeito.

Assente a escolha do local, foi fixado o programa das instalações e constituida a Comissão das Obras da Base Naval de Lisboa que iniciou os seus estudos.

À esq.: Fase de construção do muralha acostável

À dir.: Vista dos taludes empedrados de retensão dos terraplanos conquistados



vios de fracas condições de habitabilidade entre outras. A tudo isto teve, pois, de atender a Comissão das Obras. Das Bases destinadas aos submersíveis e aos hidros a mais adiantada é aquela.

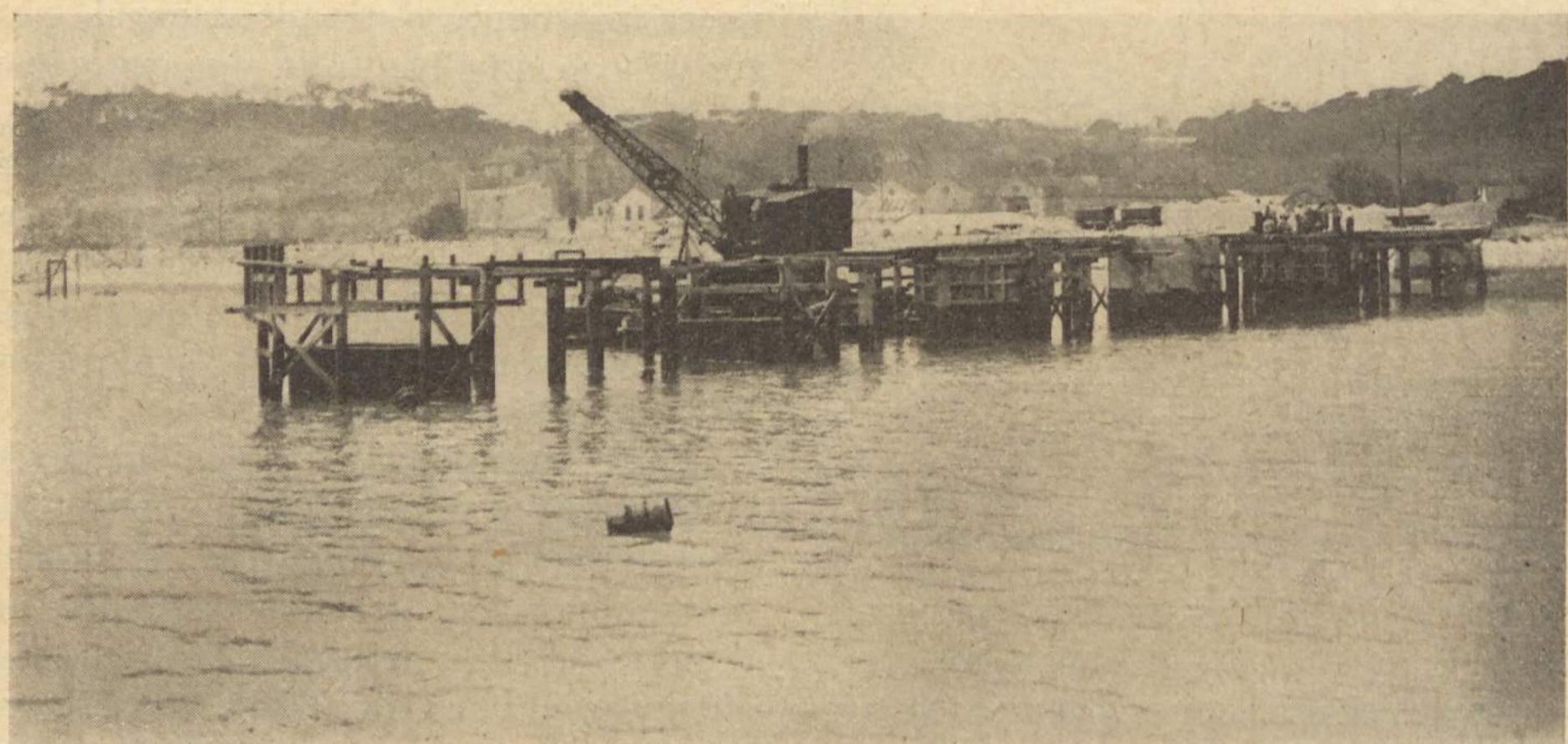
A dos hidros, situada na pequena península do Montijo, com acesso ao Tejo pelo Norte e ao canal do mesmo nome por oeste, está em via de comêço de construção. Existe já um projecto geral para ser levado a cabo parcialmente. E estão abertos concursos e próximas as respectivas adjudicações.

No Alfeite os trabalhos executados são já importantes. A base dos submersíveis

um bom ancoradouro e facilidade de manobra dos navios.

As obras marítimas constam dum muro cais de carga e descarga, molhes de abrigo a Norte e a Leste, cinco grupos, aos pares, de «duques de Alba», (estacas cravadas no leito das águas) onde atracarão e amarrarão os navios que ficam em sentido perpendicular ao muro-cais.

Por meio de passadiços dos «duques de Alba», os navios ficarão em comunicação directa e rápida com o cais em frente, que comporta larga extensão de terrapleno. De trás dêste terrapleno ficam taludes a segu-



Construção de uma ponte-cais para atracação de submersíveis

foi estabelecida a Leste do Arsenal, do qual fica separada pelo antigo palácio real e praça fronteira.

Trabalha-se intensamente para a conclusão desta importante obra. Há trabalhos em execução, outros em projecto ou já a concurso, e outros ainda em estudo — em estudo parcial, detalhado, minucioso.

As obras marítimas são as que estão em mais andamento e vias de conclusão. Para as instalações em terra há concursos abertos e projectos a concluir.

O canal, já executado e que tinha apenas 40 metros de largo, está a ser ampliado para uma largura de 150 metros, e ao mesmo tempo a bacia de flutuação sofre no presente grande dragagem para permitir

rar as terras contra as águas que envolvem por esse lado a base.

Haverá também uma rampa para varar embarcações dentro da bacia de flutuação e outras obras de minúcia desnecessárias de explicar em relato de ordem genérica.

As instalações dos serviços auxiliares estão construídas nos terraplenos. E assim lá ficarão os depósitos de aprovisionamento e fornecimento dos navios, quartéis, etc..

As obras da Base Naval, dirigidas por uma comissão de técnicos experimentados e ilustres engenheiros de várias especialidades, constituem um grande empreendimento nacional e uma das mais valiosas realizações do Estado Novo.

O Problema dos Transportes de Mercadorias

FREQUENTEMENTE reclama a Província de que os seus produtos não têm saída devido à falta e modicidade de transportes. De facto é vulgar apodrecerem os produtos no próprio centro da produção ou ver-se constrangido o produtor a dar-lhes somenos destino. Isto é um mal que afecta gravosamente a agricultura sobretudo a do Norte que não dispõe, em geral, de recursos financeiros e de meios próprios para atalhar o problema.

A par disto também os centros de consumo, e em particular Lisboa, queixam-se do custo de géneros de primeira necessidade que são baratos na produção.

E, demais, sabe-se que a Província paga caro os artigos que tem de importar, não só as manufacturas como os comestíveis que não produz, embora para o encarecimento d'estes últimos contribuam as taxas aplicadas por largo número de câmaras municipais.

O assunto dos transportes de mercadorias é problema de grande e imperiosa importância e urgência. De há muito se arrasta sem que se lhe dê solução. E verdade que tem certa complexidade; no entanto tudo pode, graças à inteligência e boas vontades, ter solução senão a desejada totalmente ao menos a que satisfaça em parte e ao momento.

Têm as Companhias dos Caminhos de Ferro procurado resolver, em parte, quanto a artigos de pequeno vulto e monta, a questão mercê das chamadas pequenas tarifas com que por preço módico e com rapidez vêm dos centros de produção, que lhe são próximos, os géneros e artigos para os mercados de consumo. Mas isto não basta, é pouco, pouquíssimo, e tanto mais porque a maior parte dos centros de produção ou os mercados da Província estão a distância da rede ferroviária.

Este grande problema tem de ser resolvido com a coadjuvação dos restantes meios de transportes e das entidades oficiais e o acôrdo do comércio e do produtor.

Porque o assunto lhe cabe, a *Gazeta dos Caminhos de Ferro* julga poder contribuir para a solução d'este imperioso e importante problema abrindo um largo inquérito entre os vários interessados desde o produtor e o consumidor até ao comércio intermediário e aos elementos dos transportes — caminhos de ferro, camionagem e serviços fluviais e marítimos.

D'este inquérito acha-se encarregado um bom *reporter*, conhecido nos meios profissionais, o nosso camarada Cruz Cerqueira, que além de experimentado jornalista e de distinto e esforçado historiador e crítico de arte, o que denota a sua craveira mental, conhece de certo modo as particularidades d'este complexo problema.

As Festas Centenárias

EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS

Partiu para o Brasil o dr. Augusto de Lima Júnior

A bordo do paquete «Bagé» partiu para o Brasil o sr. dr. Augusto de Lima Júnior, delegado executivo daquele país às comemorações centenárias.

Este ilustre escritor conservou-se entre nós durante um ano e, como já tivemos ocasião de dizer, é um grande amigo de Portugal e um admirador da Imprensa Portuguesa. Não podemos deixar de dar aos nossos leitores uma rápida e sintética análise da sua vida realizada sempre em

próprio Brasil e de Portugal. Assim, o sr. dr. Augusto de Lima Júnior é formado pela Faculdade de Direito de Minas Gerais, Procurador Geral Marítimo do Brasil, filho do parlamentar, poeta, historiador e catedrático, dr. Augusto de Lima, que foi Presidente da Academia Brasileira de Letras. Passou a sua infância na cidade de Ouro Preto (Minas Gerais), antiga Vila Rica, hoje «Cidade—Monumento Nacional», de quem tem sido o maior defensor dos seus exemplares da arquitetura barroca — os mais preciosos do Brasil.

Fundou e dirigiu dois jornais diários no Rio de Janeiro; é, ainda, colaborador efectivo de diversos jornais, entre êles o «Jornal do Comércio», e



Dr. Augusto de Lima Júnior

exerceu cargos do mais alto relêvo no seu país e no estrangeiro, tendo estado, em 1936, em Portugal, em missão do Governo Brasileiro, a fim de tratar do repatriamento dos restos mortais dos conjurados na «Inconfidência Mineira».

É um dos maiores paladinos da amizade do Brasil por Portugal, sendo notáveis os serviços por él prestados à colónia portuguesa do Brasil e às relações entre os dois países irmãos.

A sua obra literária e de investigações históricas é, principalmente, digna do maior relêvo, para nós, porque enaltece, ao máximo, a obra colonizadora dos portugueses no Brasil, em todos os campos.

O sr. dr. Augusto de Lima Júnior publicou os seguintes livros:

«Mariana» (costumes religiosos); «Mansuetude»; «Cidade Antiga e Soledade»; «Canção da Grupiára»; «O Amor infeliz de Marília e Dirceu»; «Visões do Passado»; «Histórias e Lendas»; «O Ouro das Minas Gerais»; «A Casa e o Mobiliário Colonial»; «A invasão Emboaba e o Caminho da Baía» e «Formação Religiosa de Minas Gerais».

Eis assim, a traços largos, a biografia dum dos mais sinceros amigos do nosso país, que temos em terras de Santa Cruz!

* * *

A propósito do banquete de homenagem ao sr. dr. Lima Júnior vamos ilucidar o sr. capitão J. Santos, em resumo, no que se passou e não nos podem atribuir culpas das quais não temos qualquer responsabilidade.

Procurou-nos nesta redacção o sr. Fernando Lopes da Silva, funcionário superior da Vacuum Oil Company e um dos grandes amigos do

sr. Lima Júnior que nos manifestou o desejo de homenagear este ilustre escritor e pediu a nossa opinião ao que acedemos dizendo que a melhor manifestação a prestar-lhe seria a realização de um banquete. Assentou-se organizar o referido banquete e logo surgiram as notícias nos jornais, isto depois de termos falado no caso à pessoa em questão, que agradeceu reconhecidamente essa «demonstração de amisade e carinho própria de portugueses de coração bem formado», etc., etc.

Quando as listas atingiram 80 inscrições aparece, de surpresa, no «Diário de Lisboa», uma local em que pedia o dr. Lima Júnior para informar não poder ir ao banquete por se encontrar de luto recente.

Esta inoportuna e descabida notícia surpreendeu-me, porque havíamos telefonado ao sr. Lima

Júnior, todos ou quase todos os dias e nunca S. Ex.^a nos falou no luto.

Claro que com essa atitude inexplicável ficámos surpreendidos e teve a comissão que incomodar de novo as casas onde se encontrava aberta a inscrição para restituirem as importâncias dos inscritos.

Isto deu-se na véspera do banquete. Claro que um dos membros da comissão pagou parte das despesas do banquete e as outras despesas ficaram em branco.

O que podemos garantir ao sr. capitão Santos é que é a primeira vez que nos acontece um caso d'estes e que segundo não se torna a dar.

Até hoje não recebemos qualquer visita ou simples carta do sr. dr. Lima Júnior de protesto ou agradecimento. — C. O.

Horário dos comboios especiais para a Exposição

A C. P. organizou «comboios de visita» e um «comboio popular», cujos preços incluem já a entrada na Exposição. Estes bilhetes têm validade desde as 12 horas de Sexta-feira, até às 12 horas de Segunda-feira. Sairiam às Quintas-feiras de Lisboa-Rocio e aos Sábados e Domingos, de Queluz e Sacavém. São os seguintes:

Preços

5\$50	Lisboa-Rossio (partida)	20-57	Chegada	1-05
4\$70	Campolide (partida)	21-08	»	0-55
4\$50	Alcântara-T. (partida)	21-17	»	0-44
	Belém (chegada)	21-24	Partida	0-37

De QUELUZ:

Preços

Sábados

			Domingos		Regresso para os dois dias
6\$70	Queluz (partida)	20-55	Partida	13-37	1-17
6\$30	Amadora (partida)	20-58	»	13-41	1-15
5\$70	Damaia (partida)	21-01	»	13-44	1-08
5\$70	Buraca (partida)	21-04	»	13-46	1-05
5\$30	Benfica (partida)	21-05	»	13-48	1-03
5\$00	S. Domingos (partida)	21-07	»	13-50	1-
4\$90	Cruz da Pedra (partida)	21-09	»	13-52	0-57
4\$50	Alcântara-T. (partida)	21-21	»	14-01	0-47
	Belém (chegada)	21-29	Chegada	14-08	Partida
					0-40

De SACAVÉM:

Preços

Sábados

			Domingos		Regresso para os dois dias
6\$50	Sacavém (partida)	20-30	Partida	13-15	1-15
6\$30	Moscavide (partida)	20-33	»	13-16	1-11
6\$10	Olivais (partida)	20-35	»	13-18	1-09
5\$70	Cabo Ruivo (partida)	20-38	»	13-21	1-07
5\$50	B. de Prata (partida)	20-41	»	13-25	1-04
5\$50	Marvila (partida)	20-44	»	13-27	1-02
5\$50	Chelas (partida)	20-46	»	13-30	0-59
5\$10	Arieiro (partida)	20-50	»	13-33	0-57
4\$90	E. Campos (partida)	20-54	»	13-37	0-54
4\$90	Rêgo (partida)	20-57	»	13-39	0-52
4\$90	Laranjeiras (partida)	20-58	»	13-41	0-49
4\$90	Sete Rios (partida)	21-	»	13-42	0-47
4\$50	Alcântara-T. (partida)	21-12	»	13-53	0-37
	Belém (chegada)	21-21	Chegada	14-	Partida
					0-30

Caminhos de Ferro Coloniais

ANGOLA

Foi já posto em vigor o novo regulamento dos Caminhos de Ferro do Estado, naquela província ultramarina.

— Dentro em breve começarão a funcionar sinal eléctricos de alarme nas passagens de nível na via férrea até à estação da Cidade Alta, para anunciar a aproximação dos comboios.

— A Companhia dos Caminhos de Ferro de Benguela enviou ao Ministério das Colónias e a outras estações dêle dependentes o seu relatório acerca da colonização que está fazendo há 4 anos ao longo da linha do mesmo caminho de ferro.

— A Mutualidade de Angola, com sede em Nova Lisboa (Huambo), obteve do Governo Geral da Colónia autorização para aplicar os seus fundos de reserva na construção de casas de habitação. A maioria delas vai ser construída em Luanda, onde a falta de casas mais se sente. Do mesmo modo o Montejo Ferroviário está a aplicar as suas reservas na construção de casas de habitação.

— Foi concedida a autorização a vários indivíduos residentes em Angola para procederem ao levantamento topográfico de jazigos minérios na mesma colónia.

— Encontram-se instalados e prontos a funcionar os novos guindastes eléctricos no pôrto do Lobito e a sua competente rede de distribuição com posto transformador.

— Está concluído o primeiro corpo do edifício destinado à estação do Caminho de Ferro do Lobito.

MOÇAMBIQUE

Deu já entrada no Ministério das Colónias o projecto completo do trôço Malema Mutuali, do quilómetro 404 a 451, elaborado em harmonia com as observações do Conselho Técnico de Fomento Colonial.

— Foram adquiridas ultimamente pela Empresa de Caminhos de Ferro da Rodésia, algumas locomotivas, as quais se destinam às secções mais difíceis das suas linhas entre Mafekuy e Bulawaio. As locomotivas foram transportadas pelo vapor «MacPherson», meio armadas em trôços, alguns dos quais pesavam 35 toneladas. Foram rebocadas para Umti, onde serão definitivamente montadas.

— Vão ser construídas seis casas de habitação com todas as condições higiénicas no Humbo (Moçambique), destinadas ao pessoal ferroviário.

— O Governo de Moçambique vai aumentar o quadro do pessoal dos Serviços de Transportes

Aéreos, dos Serviços dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes da Colónia.

— O sr. engº João Felipe, dos Caminhos de Ferro de Lourenço Marques, foi nomeado chefe da brigada de estudos do Caminho de Ferro de Moçambique. Pensa-se em levar esta linha, por Vila Cabral, até às margens do lago Niassa, que, pela sua altitude e pelo seu clima benigno, se prestam a uma colonização europeia intensiva.

— Na foz do rio Boa Paz, inaugurou-se um farol com o alcance de 25 milhas e a 75 metros sobre o nível do mar, destinado a cobrir o baixo Carnarvon, onde têm encalhado vários navios, entre êles o que deu o nome ao baixo.

— A Câmara Municipal da Beira que está a desenvolver uma actividade digna de nota, vai mandar construir uma ponte sobre o rio Chivene, ligando o lago Luiz Inácio com o Maquinino.

Com esta ponte se descongestionará o tráfego que aumenta de dia para dia nas principais ruas da cidade.

Gazeta dos Caminhos de Ferro

Os nossos números especiais, comemorativos das Festas Centenárias

Quer na Imprensa da Capital e Província, quer ainda particularmente, temos sido felicitados pelo êxito dos nossos números especiais, dedicados às Festas Centenárias.

A todos agradecemos essas amáveis referências, lenitivo para tantas caceiras que tal esforço exige.

Do Ilustre Coronel do nosso Exército e Director da *Revista Militar*, Henrique Pires Monteiro, recebemos um gentil ofício, cujas palavras elogiosas nos penhoraram bastante.

Estas e outras gentilezas, dão-nos a certeza de quanto o nosso trabalho é apreciado.

Fizeram referências que muito nos desvanecem os seguintes jornais:

O Comércio do Pôrto, Diário de Notícias, do Funchal, Jornal de Penafiel, O Comércio de Viveres, A Democracia do Sul, Notícias de Évora, Gazeta de Coimbra, Comércio de Guimarãis, O Figueirense, O Dever, Notícias de Évora, O Trabalho, de Vizeu, O Distrito de Portalegre, Diário do Alentejo, Diário do Minho, Região de Leiria, Eco de Extremoz, República, Brados do Alentejo, Correio do Minho, Correio do Vouga, Ecos do Sâmeiro, etc.

Notas de Viagem

Domingo Milanês

Por JOSÉ DA NATIVIDADE GASPAR

XII

Anobre capital da Música — Milão —, nesse Domingo encantadoramente estival, era uma cidade quase deserta. Os habitantes, logo de manhã cedo, foram-se para os arredores. O Scala, pontifica na sua praça elegante, que o corredor da Galeria Victor Manuel põe em rápido contacto com a vastíssima praça de Duomo onde, como um órgão grandioso, se ergue a magnífica catedral gótica com as suas 135 frechas espicaçando o céu e as suas 2.300 estátuas como um numeroso côro cantam a Deus um hino de hossana.

Mas o Scala está fechado. A temporada findou e acha-se interrompida por alguns dias, até que, dentro em breve, ao ar livre, no castelo Sforzesco reabrirá com «Francesa da Rimini», precisamente cantada pela mesma donairosa Iris Adami Corradetti, que interpretou o moderno «partito» na última temporada lírica do nosso S. Luiz.

Numa rua lateral do famoso teatro, que, se conta maior fama, aparenta menos sumptuosidade do que a Ópera de Paris (aliás todos os teatros líricos italianos lhe são inferiores e de aparência exterior sempre igual entre si e semelhante ao nosso S. Carlos), numa rua lateral — dizia — num elegante primeiro andar, uma lápida recorda que ali se finou o inspirado Giacomo Puccini, o poeta admirável da «Tosca», da «Butterfly» e da «Bohème».

Entre as muitas e preciosas igrejas de Milão, uma das que nos atraem pelo seu valor artístico é a de Santa Maria das Graças, onde se admira a famosa Ceia, de Leonardo de Vinci, e da qual há pelo mundo milhares de cópias, todas elas de cores muito mais vivas do que as do original, onde a humidade da parede, em que o artista a pintou, lhe debotou grandemente as cores, a ponto de algumas partes do magnífico fresco estarem já completamente irreconhecíveis.

Depois do almoço, dentre as muitas dezenas de comboios que nesse dia partiram da imensa estação central, um levou-me rapidamente a Como, cidade tranqüila, possuindo a sua catedral belamente arquitectónica e o seu lírico lago, contudo não isento de pirraças, pois nessa tarde transbordara bastante, alagara os passeios da praça Cavour que junto dêle se alinha com a sua boa dezena de cafés, e obrigara a que, para se dobrar uma esquina, se caminhasse sobre uma improvisada ponte de pranchas, onde o trânsito era lento, tanta a gente que nesse dia viera de passeio até ali.

E' encantador o aspecto dessa extensa toalha líquida, onde passeiam barcos, e vapores confortáveis realizam excursões económicas, mas encantadoras. Próximo duma das margens, sobe de Como extenso funicular que nos ergue a Brunate, bairro aristocrático de onde a vista sobre a cidade, o lago e as montanhas que por todos os lados fecham o horizonte, são um dos autênticos encantos da Itália. Se confessar que, num dos pontos em que a vista é mais ampla e bela, há um restaurante de mesas alinhadas num arborizado mirante, e se acrescentar que ali saboreei um jantar delicioso por mais de um motivo, voltarei mais uma vez a tocar, já com repetida e dispensada insistência, na tecla gastronómica. E' isto um materialismo assaz descabido na evocação de um lago que a poesia e a música têm cantado com um lirismo justamente inspirado e onde a mancha duma alusão tam material como é a referência aos «spaghetti», que à vista dêle comi, é nota manifestamente destoante.

Melhor me ficaria se descrevesse antes o encanto daquele pôr do sol, que admirei do alto de Brunate quando a sombra já embrulhava o lago, e escurecia as ruas da cidade de bonecas, que a muitos metros lá em baixo se alinhava. Mas, nas montanhas que na frente me ficavam, ainda era dia com toda a sua luminosa grandiosidade. Só para o norte, os últimos pincaros ita-

O Avião, grande maravilha do século XX

Por FAUSTO GONÇALVES

NO céu nem uma nuvem. O sol brilha lá no alto como um círculo de fogo. Não há um uivo de vento, nem a mais leve brisa a acariciar-nos. Está o que se chama uma radiosa manhã de verão.

Do hangar, acaba de sair o monstro, que, depois de ter sido auscultado — asas, motores e instrumentos de bordo revistados — é conduzido cautelosamente para a pista. Um homem — o mecânico — procede à última inspecção e sobe para o seu posto, junto do piloto.

— Está tudo pronto?

— Tudo pronto.

Ouve-se o ronco ensurdecedor de quatro motores, andando ao mesmo tempo, regularmente.

À medida que os segundos passam, o ruído aumenta. A bordo há um murmúrio alegre entre os passageiros, que são conduzidos pelos moços de bordo para as cadeiras-leitos.

Na cabine envidraçada dominando a poderosa fusilagem, alguns homens — a tripulação — que contam no seu activo milhares de horas de vôo, que levam uma vida severa e disciplinada, voluntariamente aceita, afim de conservarem as qualidades de equilíbrio físico e psíquico exigidas pelas responsabilidades, — alguns homens guardam silêncio, estão

a postos, prontos a marchar, a percorrer o itinerário da viagem, a cem, a duzentos, a trezentos quilómetros à hora.

O espectáculo do quadro de bordo é uma visão surpreendente: distingo inúmeros quadrantes, contador de rotações, indicadores de velocidades, altímetros, variómetros, termómetros, caixas misteriosas do giro compasso e outros aparelhos de precisão. Todos se destinam, entretanto, a um fim útil, e o piloto, atento, sabe percorrê-los num simples olhar e compreender a sua valiosa linguagem muda.

Numerosas estações terrestres mantêm uma ligação continua com os aparelhos de rádio de bordo, para transmitir-lhes os boletins meteorológicos e as observações radiogoniométricas indispensáveis à navegação.

— Graças a estes aparelhos — diz-me o piloto — antes de empreendermos a viagem, conhecemos as condições atmosféricas das regiões que vamos sobrevoar e delas deduzimos a altitude e o rumo do caminho a seguir.

Em vôo — continua a esclarecer-me o meu amável interlocutor — as perturbações atmosféricas (nevoeiro, tempestade, ventos contrários) ser-nos-ão assinalados pela rádio navegante que está em contacto permanente com as estações próximas. Se se apresentar a eventualidade de uma «panne», o avião pode fazer conhecer a sua posição e pedir socorro.

Oiço novamente:

— Está tudo pronto?

— Tudo pronto!

A palavra «adeus» é substituída pela frase «até breve».

O monstro desliza rapidamente, afasta-se, eleva-se no espaço, dá uma volta, outra volta e, como uma águia cruzando o infinito, perde-se, enfim, no horizonte.

— Até breve!

— Até breve!

Estas palavras ainda hoje soam aos meus ouvidos como um desejo de boa-viagem, como um brado de confiança no progresso, como um grito de vitória da ciência e da engenharia moderna.

lianoss, se não eram já os primeiros montes da Suíça, se esfumavam na primeira penumbra da noite cada vez mais vizinha.

Esses montes atravessei-os na manhã imediata, após Domodossola, onde, de justiça é dizer-se, as autoridades e alfândega italiana reduziram ao máximo as formalidades aduaneiras e policiais, incluindo mesmo as da declaração de dinheiro transportado, amabilidade essa de que, logo a seguir, os seus camaradas suíços seguiram o exemplo. Parámos em Iselle onde uns cinco minutos aguardámos que o braço vermelho do semáforo ferroviário autorizasse o nosso combóio helvético, de um conforto acima de todo o elogio, a meter-se na aventura séria de Simplon.

Desceu enfim o sinal, a locomotiva eléctrica apitou e, em velocidade crescente, corremos para uma das bocarras do maior túnel do mundo, que segundos depois nos engoliu. Tem 19.729 metros de extensão essa prodigiosa obra de arte, que levou oito anos a furar, desde 1898 a 1905, em duas galerias afastadas entre si 17 metros, cada uma com uma via no seu sentido. De 200 em 200

metros, outros pequenos túneis transversais, de serviço, ligam os dois subterrâneos. O túnel, desde o vale italiano do Diveria vai subindo, num ângulo de 7°, até chegar à altitude de 705 metros. E, a-pesar-disso, nesse ponto estamos enterrados a 2.135 metros de profundidade em relação ao cimo da montanha que por cima temos! Já então temos percorrido cerca de dez quilómetros e é nessa altura que passamos do território italiano para o suíço. Quanto mais avançamos para o interior da terra, mais intenso é o calor sentido, o que nos permite fixar, no instante máximo da intensidade do mesmo, que nos encontramos a meio do túnel gigante. Logo a temperatura começou a pouco e pouco arrefecendo. A linha agora desce em rampa de 2°, e o combóio corre com vertiginosa rapidez. Surge, finalmente, a luz, a marcha a pouco e pouco afrouxa até pararmos na estação de Brigue, todos impando da aliás fácil glória de havermos atravessado o maior túnel do mundo. Levou-se nisso exactamente 20 minutos havendo percorrido debaixo do chão distância equivalente à do Cais do Sodré à Parede.

F. C. P. em 1939

Pelo Engº J. FERNANDO DE SOUZA

(Conclusão do número anterior)

De impostos recebidos por c/ do Tesouro, 28.935 contos contra 34.554 em 1929. Desde o início da crise houve pois a quebra de 5.619 contos, o que representa, *grosso modo*, a de 45.000 contos nas receitas do tráfego.

As despesas de exploração referentes ao Exercício de 1939, comparadas com as de 1938, acusam um excesso em toda a rede de Esc. 1:190.262\$95, como se vê no mapa seguinte:

Designação	Despesas em 1938			Despesas em 1939			Diferenças em 1939	
	Antiga rede da C. P.	Antigas linhas do Estado	Totais	Antiga rede da C. P.	Antigas linhas do Estado	Totais	Importâncias	%
Administração e Serviços dela dependentes .	12:521.616\$	3:556.350\$	16:077.966\$	12:221.789\$	2:744.688\$	14:966.477\$	- 1:111.489\$	- 6,91
Direcção Geral e Serviços Gerais . . .	2:254.213\$	1:710.528\$	3:964.740\$	2:281.463\$	1:664.225\$	3:945.688\$	- 19.052\$	- 0,48
Exploração . . .	37:229.747\$	28:734.639\$	65:964.385\$	38:174.118\$	28:494.549\$	66:668.667\$	+ 704.282\$	+ 1,07
Via e Obras . . .	22:689.343\$	16:533.261\$	39:222.604\$	25:942.902\$	16:290.681\$	42:233.582\$	+ 3:010.978\$	+ 7,68
Material e Tracção	59:237.611\$	33:864.377\$	93:101.987\$	59:264.874\$	32:442.658\$	91:707.532\$	- 1:394.455\$	- 1,50
Soma . . .	133:932.529\$	84:399.154\$	218:331.683\$	137:885.146\$	81:636.800\$	219:521.946\$	+ 1:190.263\$	- 0,55
Diferenças em 1939	-	-	-	+ 3:952.617\$	- 2:762.354\$	+ 1:190.263\$	-	-
Percentagem . . .	-	-	-	2,95	3,27	0,55	-	-

A propósito das despesas faz o Relatório as seguintes reflexões:

Verificou-se um aumento de 3,95 % na antiga rede da C. P., e diminuição de 3,27 % nas antigas linhas do Estado. No conjunto o aumento foi de 0,55 %.

Estas diferenças explicam-se bem pelo facto de ter aumentado em 127.359 quilómetros-trens o percurso na antiga rede da C. P. e ter diminuído de 51.551 quilómetros-trens o percurso das linhas do Estado, em relação a 1938.

Na Administração e Serviços dela dependentes registou-se uma diminuição de despesa de 1.111 contos ou 6,91 %. Uma parte importante desta redução provém do facto de se ter adoptado o sistema de fazer suportar pelos serviços as despesas provenientes dos abonos por doença ao pessoal, até agora classificadas no Capítulo 6.º

O aumento de despesa na Divisão de Exploração na importância de 704 contos encontra a sua integral explicação no facto a que acabamos de nos referir, visto a despesa com os abonos feitos ao pessoal doente ter sido exactamente da importância de 727.159\$10.

Na Divisão de Via e Obras houve necessidade de dispender um pouco mais do que em 1938 por ter sido indispensável fazer alguns trabalhos de conservação que não era possível adiar por mais tempo.

Além disso o encarecimento de alguns materiais já pesou por modo sensível nas despesas desta Divisão, como por exemplo o das travessas, o do creosote e o dos metais. Houve também a despesa com pessoal doente na importância de 379 contos, que não foi suportada pela Divisão no ano anterior.

Finalmente na *Divisão de Material e Tracção* verifica-se uma diminuição de 1.394 contos.

Justificar-se-ia nesta Divisão um aumento sensível de despesa pelas mesmas razões que serviram de justificação para o aumento de despesa das outras Divisões, e esse aumento ter-se-ia de facto registado se não se tivessem continuado a realizar novas economias sobretudo na grande reparação do material circulante.

Com este novo esforço conseguiu-se que em lugar de um aumento de despesa esta tivesse podido ser reduzida como acabamos de ver.

O preço médio do carvão consumido pela nossa Divisão de Material e Tracção em 1939 foi de 148\$72,2; em 1938 custou 146\$20,1, em 1937 ainda o preço era de 135\$86,2 e em 1936 apenas 106\$35,1.

Importa transcrever o elucidativo capítulo e respectivos mapas acerca dos resultados gerais da exploração.

RESULTADO GERAL DA EXPLORAÇÃO

Como tanto as receitas como as despesas em 1939 aumentaram em relação a 1938, mas estas menos do que aquelas, o saldo aumentou como se vê no mapa seguinte:

Linhas	Receitas		Despesas		Diferenças em 1939	
	1938	1939	1938	1939	Nas receitas	Nas despesas
Réde não garantida	130:149.655\$	130:320.196\$	105:653.838\$	109:431.905\$	+ 170.540\$	+ 3:778.067\$
Réde garantida	24:765.788\$	24:439.725\$	25:695.953\$	25:885.752\$	+ 1:673.937\$	+ 189.799\$
Linha de Coimbra a Lousã . . .	671.995\$	704.631\$	1:375.546\$	1:365.089\$	+ 32.636\$	- 10.457\$
Arganil Lousã a Serpins	35.643\$	37.754\$	258.901\$	263.315\$	+ 2.111\$	+ 4.414\$
Lamarosa a Tomar	544.516\$	539.509\$	948.290\$	939.085\$	- 5.002\$	- 9.205\$
Réde do Estado	76:648.857\$	79:449.382\$	84:399.154\$	81:636.300\$	- 199.475\$	- 2:762.354\$
Total	233:816.449\$	235:491.196\$	218:331.683\$	219:521.946\$	+ 1:674.747\$	+ 1:190.263\$
Diferenças em 1939	+ 1:674.747\$		+ 1:190.263		+ 484.484\$	

Nas receitas mencionadas neste quadro não estão incluídas as receitas fóra do tráfego. Como estas últimas apresentam um saldo negativo de 1:118.888\$91, o resultado geral da Exploração é o seguinte:

Receitas da Exploração	235:481.196\$
Receitas fóra do tráfego	- 1:118.889\$
Receitas gerais da Companhia em 1939	234:372.307\$
Despesas de exploração no mesmo ano	219:521.946\$
Receita líquida da Exploração em 1939	14:850.361\$
» » » » 1938	14:429.887\$
Diferença para mais	420.474\$

Os coeficientes de exploração de todas as linhas exploradas pela Companhia encontram-se no mapa n.º 10 anexo a este relatório. Para facilidade de exame transcrevem-se para aqui os que maior interesse podem oferecer:

Coeficientes de exploração nas linhas abaixo indicadas	1938	1939		
			%	%
Linhos não garantidas da C. P.	81,18	83,97		
Linhos garantidas da C. P.	112,87	105,92		
Réde própria da Companhia	85,90	87,44		
Total da antiga réde da C. P.	86,87	88,36		
Antigas linhas do Estado	105,96	102,75		
Réde geral	93,38	93,22		

No mapa seguinte encontram-se os elementos que serviram de base para a Liquidação do Exercício de 1939, na rede própria da C. P., comparados com os números correspondentes relativos ao Exercício de 1938:

Designação	1938	1939	Aumentos	Diminuições
Kilómetros explorados	1.119	1.119	—	—
Percorso de comboios	7.140.939	7.273.230	132.291	—
Receitas de exploração	152.915.444\$	154.759.920\$	1.844.476\$	—\$—
Despesas de exploração	131.349.792\$	135.317.657\$	3.967.865\$	—\$—
Coeficiente médio de exploração	85,90 %	87,44 %	1,54 %	—
Receitas líquidas de exploração	21.565.652\$	19.442.263\$	—\$—	2.123.389\$
Receitas fóra do tráfego	(a) 1.054.879\$	(a) 1.118.889\$	—\$—	64.010\$
Produto da exploração, contando com as receitas fóra do tráfego	20.510.773\$	18.323.374\$	—\$—	2.187.399\$
Coeficiente médio da exploração, contando com as receitas fóra do tráfego	86,49 %	88,07 %	1,58 %	—\$—
Garantia de juro da linha da Beira Baixa	(a) 122.795\$	(a) 139.762\$	—	16.967\$
Total dos produtos da Rêde concedida à C. P.	20.387.978\$	18.183.612\$	—\$—	2.204.366\$

(a) Estas importâncias são a deduzir.

CAIXA DE REFORMAS E PENSÕES

As antigas Caixas tiveram 811.218\$ de receitas próprias, a que se juntaram 987.640\$ dados pela Companhia: total 1.788.858\$, ou menos 27.207\$ que em 1938, apesar do aumento de 26.610\$ nos cedidos pela Companhia, pois houve nas receitas próprias a baixa de 53.817\$.

Os armazéns de víveres deram um lucro de 210.656\$ ou mais 43.768\$ que em 1938.

Os encargos atingiram 1.605.732\$, ou menos 726.774\$ que em 1938, o que foi principalmente devido a 820.677\$ a menos nos subsídios por doença, que pela extinção da Caixa de Socorros passaram a ser abonados pelos serviços.

A Caixa de 1927 teve 637.957\$ de receitas próprias, 3.129.086\$ de contribuição da Companhia. Os seus encargos somaram 873.566\$.

O mapa seguinte mostra no conjunto as receitas e encargos das Caixas:

Designação	Antigas Caixas	Caixa de 1927	Total
Receitas próprias	811.218\$	637.957\$	1.449.174\$
Receitas afectas pela Companhia	987.640\$	—\$—	987.640\$
Soma	1.798.858\$	637.957\$	2.436.814\$
Lucro dos Armazéns de Víveres	210.656\$	—\$—	210.656\$
Contribuição segundo o n.º 3 do Art.º 3.º do Regulamento de 1927	—\$—	3.129.085\$	3.129.086\$
Total	2.009.514\$	3.767.042\$	5.776.556\$
Encargos:			
Reformados e pensionistas	1.630.938\$	869.496\$	2.500.434\$
Subsídios diversos	41.413\$	—\$—	41.413\$
Outras despesas	23.381\$	4.070\$	27.451\$
Diferença entre as receitas e encargos das antigas Caixas, liquidação pela Conta Subvenções, em conformidade com as resoluções do Conselho de Administração de 19/12/1932 e 28/12/1934	313.782\$	—\$—	313.782\$
Soma	2.009.514\$	873.566\$	2.883.080\$
Saldos em 31 de Dezembro de 1939	—\$—	2.893.476\$	2.893.476\$

O número de contribuintes das diferentes Caixas elevou-se em 31 de Dezembro de 1939 a 3.522 das antigas Caixas e 5.459 da de 1927: total 8.981.

Ficaram existindo na mesma data 1832 reformados das primeiras e 92 da segunda, total 1924. Seguem-se no Relatório os habituais mapas de exploração por linhas e as listas de amortização de obrigações.

* * *

Os números extraídos do Relatório mostram que a C. P. continua a administrar criteriosamente as suas linhas a despeito das dificuldades suscitadas pela crise e agravadas pela guerra actual.

A GUERRA DE ESPANHA

A Companhia do Caminho de Ferro Central de Aragón

A Companhia do Caminho de Ferro Central de Aragón foi, durante a guerra espanhola, uma das Companhias mais sacrificadas. A Revolução Nacional que o General Franco comandou e chefiou pôs termo à greve revolucionária que o seu pessoal declarara em Maio de 1936 ficando divididas as linhas do Central em duas zonas. Na zona nacional teve a sorte de ficar a totalidade da linha de Caminreal a Zaragoza e o trajecto de Calatayud a Teruel, da linha de Calatayud a Valência, com um total de 258 quilómetros. Na zona vermelha teve a desgraça de ficar o resto da linha de Calatayud a Valência.

O governo vermelho e os comités marxistas apoderaram-se imediatamente das oficinas e arquivos do Conselho de Administração e da Direcção Geral em Madrid e de todas as instalações e Direcção da Exploração em Valência; arquivos encontrados mais tarde completamente desorganizados e incompletos e enviados pelos comités vermelhos para Valência e Barcelona. Por ordem dos citados comités foi várias vezes detido o Director Geral e despedido o pessoal. Na zona nacional, na ausência dos restantes membros do Conselho e do Director Geral e da Exploração pôs-se à frente da mesma o administrador D. Juan António Bravo que, de acordo com as autoridades militares de Caminhos de Ferro, movimentou imediatamente a Exploração, mediante um adiantamento feito pela autoridade militar de 165.000 pesetas, que foi dentro em pouco totalmente reintegrado.

Em Setembro de 1936 pôde voltar ao serviço o Director da Exploração, saído de Valência; no mês de Outubro seguinte o Director Geral vindo de Madrid reintegrou-se no seu posto, assegurando

a Intendência Militar de Caminhos de Ferro o serviço normal de exploração de linhas libertadas.

Posteriormente, por falecimento do Director Geral e por aposentação voluntária, por motivo de doença, do Director da Exploração, o Conselho encarregou provisoriamente da Direcção da Companhia, o chefe do Contencioso, fugido também da zona vermelha e que desempenhou aquêle cargo até despacho do Conselho de Administração.

Dê desde o primeiro momento a totalidade da linha de Caminreal a Zaragoza e a parte da linha de Calatayud a Valência compreendida entre Teruel e Caminreal foram linhas de frente de combate. Dominados pela Serra de Palomera, o Muletón e Puerto de Paniza foram continuamente objecto de criminosos atentados, que se tornavam possíveis não só pelas posições militares serem espaçadas como também pelo abruto do terreno, que permitia repetidas incursões dos vermelhos. Estes atentados ocasionaram sensíveis prejuízos e, nalguns casos, houve ainda a lamentar a morte de alguns agentes que valorosamente prestaram grande e entusiasta colaboração durante a Revolução Nacional.

Até 15 de Dezembro de 1937 o movimento de combóios foi relativamente deminuto, já por que o tráfico comercial era escasso pela natural deminição de população civil nas povoações servidas pelas linhas que eram frente de combate, já porque o Glorioso Exército Espanhol se ocupava da libertação do Norte de Espanha.

Na madrugada de 15 de Dezembro de 1937 coincidindo com o ter ficado ultimada a mobilização de fôrças nacionais sobre a frente de Madrid (em cuja mobilização cooperaram as linhas do Central não sómente com o transporte de fôrças que o «Mando» considerou necessárias, como também absorvendo todo o material vazio que havia na

estação de Calatayud para o transportar a Zaragoza) foi cercado Teruel, e a partir desse momento iniciou-se uma grande actividade de transportes militares por esta rede que no mesmo dia começou o transporte de fôrças que iam em auxílio dos sitiados de Teruel.

A linha de Caminreal a Zaragoza que já tinha sido uma linha estratégica de primeira ordem, passou desde este momento a ser uma linha estratégica indispensável para permitir estabelecer uma circulação em sentido único, que começando na estação de Calatayud até Caminreal, seguia por esta linha até Zaragoza, voltando pelas linhas de M. Z. A. a Calatayud tendo um só trôco de via única, não formando parte deste círculo o de Caminreal a Cella, que foi nos dias de cerco a Teruel a última estação a que se pôde chegar.

A capacidade das vias, das estações da linha de Caminreal a Zaragoza, a maior de Espanha em linhas de via única, especialmente das estações de Caminreal a Cella, permitiu o enorme movimento de fôrças militares realizado naquela época.

O esforço económico levado a cabo pela Companhia ao construir a linha de Caminreal a Zaragoza viu-se compensado com vantagem ao poder afirmar agora que por él esteve Franco e o seu Glorioso Exército em condições de desenvolver seus planos de libertação de Teruel e, posteriormente, de desenvolver a ofensiva invencível levada a cabo na frente de Levante.

Libertada Teruel por esse Exército, conhecera-se os importantíssimos destroços que nas obras da fábrica, edifícios, via, etc., haviam causado as hordas vermelhas.

O escasso material de que se dispunha, a falta de pessoal superior e a grande intensidade de transportes militares a efectuar sobrepassaram as possibilidades da Companhia, no mês de Dezembro de 1937. Nessa altura a Companhia do Norte prestou entusiástica cooperação, cedeu o pessoal e elementos necessários para realizarem as reparações e os transportes pedidos pelo Governo. A eficácia dos auxílios pode julgar-se tendo em conta os importantes prejuízos causados nas linhas, a intensidade dos transportes realizados e a brevidade do tempo em que se efectuaram as reparações e se normalisou a circulação, primeiro com soluções provisórias e a continuação com reparações definitivas das obras de fábrica criminosamente destruídas.

Este auxílio da Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Espanha, manteve-se durante todo o tempo em que durou a Revolução Nacional, já porque a intensidade de transportes não cessou, já porque, desgraçadamente, à medida que o exército espanhol avançava até Valência, havia conhecimento de novos e constantes estragos produzidos pelas hordas vermelhas.

Em 29 de Março de 1939, entrou em Valência o exército nacional que libertou felizmente e com poucos prejuízos à estação daquela capital, as fábricas, e parte do pessoal.

Estragos produzidos no material motor e móvel

O depósito de Material da Companhia, era formado por:

59 locomotoras, 3 autovias e 3 automotoras.

Ficaram na zona nacional:

34 locomotoras, 2 autovias e 1 automotora.

Na zona vermelha:

25 locomotoras, 1 autovia e 2 automotoras, uma delas a A 23, em construção naquela data.

Em 30 de Março de 1939 estava em poder da Companhia todo o material acima citado, que sofreu estragos consideráveis.

Além dos gastos de reparação por feitos criminosos e bombardeamentos, as máquinas tiveram que suportar um movimento intenso o que impossibilitava que fôssem tratadas devidamente, e que originou um gasto maior do seu mecanismo e a consequente elevação do custo nas reparações que se estão efectuando.

Carruagens, Vagons e Furgons que ficaram em cada zona ao iniciar-se o Glorioso Levantamento de 18 de Julho de 1936

	Zona Nacional	Zona Vermelha
Carruagens	25	38
Vagons	355	478
Furgons	8	10
	388	526

Total do material que constituia o depósito desta Companhia:

Carruagens	63
Vagons	833
Furgons	18
	914

Material existente em 30 de Março de 1939:

Carruagens	60
Vagons	803
Furgons	18
	881

Resultados da Exploração

As contas da Exploração figuram divididas em seis períodos, devemos advertir no entanto que os dados nelas consignados são apenas aproximados,

pela grande dificuldade que houve em reunir os elementos de contabilidade dispersos.

Também se deve ter presente que não estão compreendidos nos resultados o importe das obras realizadas por necessidade militar e as reparações e reconstruções dos danos de guerra, cujo importe há o propósito de reclamar ao Estado, segundo o estabelecido no decreto de 9 de Dezembro de 1937; também não estão incluídos os interesses das contas a crédito, em consequência da aplicação da lei de «não bloqueio»?

ENTRADAS E GASTOS:

Primeiro período de Janeiro a Julho de 1936:

As entradas totais ascenderam a . .	7.726.052,47
Os gastos totais ascenderam a . .	4.969.041,88

Segundo período de Agosto a Dezembro de 1936:

As entradas totais ascenderam a . .	899.719,48
Os gastos totais ascenderam a . .	505.959,88

Terceiro período, ano de 1937:

As entradas totais ascenderam a . .	3.686.391,40
Os gastos totais ascenderam a . .	2.046.553,90

Quarto período, ano de 1938:

As entradas totais ascenderam a . .	19.155.243,39
Os gastos totais ascenderam a . .	10.774.768,48

Quinto período, Janeiro a Março de 1939:

As entradas totais ascenderam a . .	2.483.023,81
Os gastos totais ascenderam a . .	1.422.410,72

Sexto período, Abril a Novembro de 1939:

As entradas totais ascenderam a . .	10.996.789,78
Os gastos totais ascenderam a . .	8.531.978,40

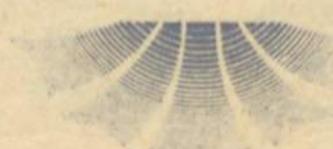
Deduzidas as «cargas financeiras» dos resultados de exploração, que ascendem em conjunto a um produto de 16.696.480,92 pesetas, resulta um produto líquido de 1.306.882,47 pesetas, cifra que, pelas razões expostas, não pode considerar-se como completamente exacta.

* * *

A «Memória da Companhia do Caminho de Ferro Central de Aragón», relata as irreparáveis perdas sofridas no pessoal da Companhia. Os vermelhos assassinaram o sr. Visconde de Escorraza, vice-presidente do Conselho, e o sr. D. António Valenciano, administrador.

Em consequência das perseguições dos vermelhos perdeu a vida D. Juan Razpide y Gonzalez, Director Geral da Companhia, e foi assassinado, entre outros, o engenheiro-chefe do Movimento, D. Ramon Gil.

O Conselho da Companhia presta na «Memória» um emocionante preito aos ferroviários da Companhia, mortos pela Espanha.



Uma experiência de colonização em Angola

— «A colonização deve começar por ser uma escola de agricultura colonial» — diz-nos um notável Relatório da Companhia do Caminho de Ferro de Benguela

A Companhia do Caminho de Ferro de Benguela publicou recentemente o Relatório que se refere ao 4.º ano da Experiência de Colonização em que anda louvável e patrióticamente empenhada.

Neste momento em que o assunto aparece tão discutido, até por pessoas que nunca viram Angola, este Relatório oferece-nos um especial interesse, pelas informações, pelos conselhos, pelas directrizes que apresenta. O objectivo da sua publicação, lemos ali, consiste em prestar um modesto concurso para o estudo prático, conscientioso e metódicamente conduzido, da maneira de resolver o problema da Colonização Europeia da Colónia de Angola.

É ou não acertada, é ou não é possível o povoamento intensivo de Angola com portugueses europeus?

Oíçamos o Relatório:

— «Como é, no entanto, geral a opinião de que é preciso povoar mais intensamente Angola com portugueses europeus — e partindo do princípio de que tal opinião é acertada — resta saber como se deve efectuar esse povoamento, desde que ele se torne nacionalmente desejável, necessário ou até indispensável.

«Em resumo: supondo que é preciso promover a fixação em Angola de europeus portugueses por meios artificiais, qual será a melhor maneira de a efectuar?»

A resposta é-nos imediatamente dada pelo próprio Relatório:

«Desde que os colonos não acodem à Colónia por sua iniciativa e meios próprios; ou se o fazem em número superior aos que lá habitam não encontram condições de vida; é evidente que se torna necessário criar-lhes artificialmente um ambiente propício à sua enraização; e é preciso que a maneira de criar esse ambiente esteja ao alcance dos recursos do País; isto é, que não obrigue a despesas incomportáveis ou simplesmente desproporcionadas.

Qual foi a orientação seguida pela Companhia

do Caminho de Ferro de Benguela? Optou-se, continuamos a lêr no referido Relatório, pela experiência da modalidade correspondente à fixação de colonos agricultores, não subsidiados, mas amparados e tutelados durante um certo tempo, aos quais seja facilitada a respectiva instalação por adiantamento reembolsável em géneros e em proporções suportáveis.

Os elementos mais apropriados para este género de colonização são os homens pobres do campo, que fazem vida pela agricultura e que em Portugal lutam com dificuldades, amanhando as suas próprias mas pequenas terras num esforço continuado de cada dia.

De entre os conselhos úteis, dirigidos aos colonos, transcrevemos êstes:

«Os colonos serão, naturalmente, de futuro, orientados no sentido de aplicarem, antes de mais, a sua actividade à garantia da sua própria alimentação que, acima de tudo, devem assegurar com géneros e elementos das suas fazendas: hortas, trigo e animais domésticos. Seguidamente deverão preparar uma plantação de milho, de razoável extensão, que lhes permita a aquisição dos géneros que não podem produzir, bem como a do seu vestuário. Essa cultura permitirá também amortizar a sua dívida de instalação, aumentar, nas proporções que forem aconselháveis, as suas riquezas pecuniárias e a lavoura das suas terras e, por outro lado, garantirá o pagamento da mão de obra indígena que empregarem.»

Fecha o notável Relatório com estas três conclusões que reproduzimos:

«1.º As qualidades pessoais dos colonos têm importância primordial, e devem ser postas à prova experimentalmente.

2.º Os colonos não devem ser entregues à sua iniciativa própria, embora tenham à sua disposição uma boa assistência técnica. Neste género de colonização artificial ou estimulada os agricultores devem ser constantemente guiados, vigiados e forçados a seguir a orientação que lhes foi indicada pelo organismo a que estiverem apoiados.

3.º Consequentemente qualquer sistema de colonização deve dispôr dos elementos técnicos e dirigentes necessários ao amparo e educação dos colonos e capazes de exercer uma vigilância permanente e uma assistência contínua que orientem não só as culturas mas a própria administração financeira das suas fazendas. Em poucas palavras, toda a colonização estimulada nestas condições deve começar por ser uma escola de agricultura colonial.»

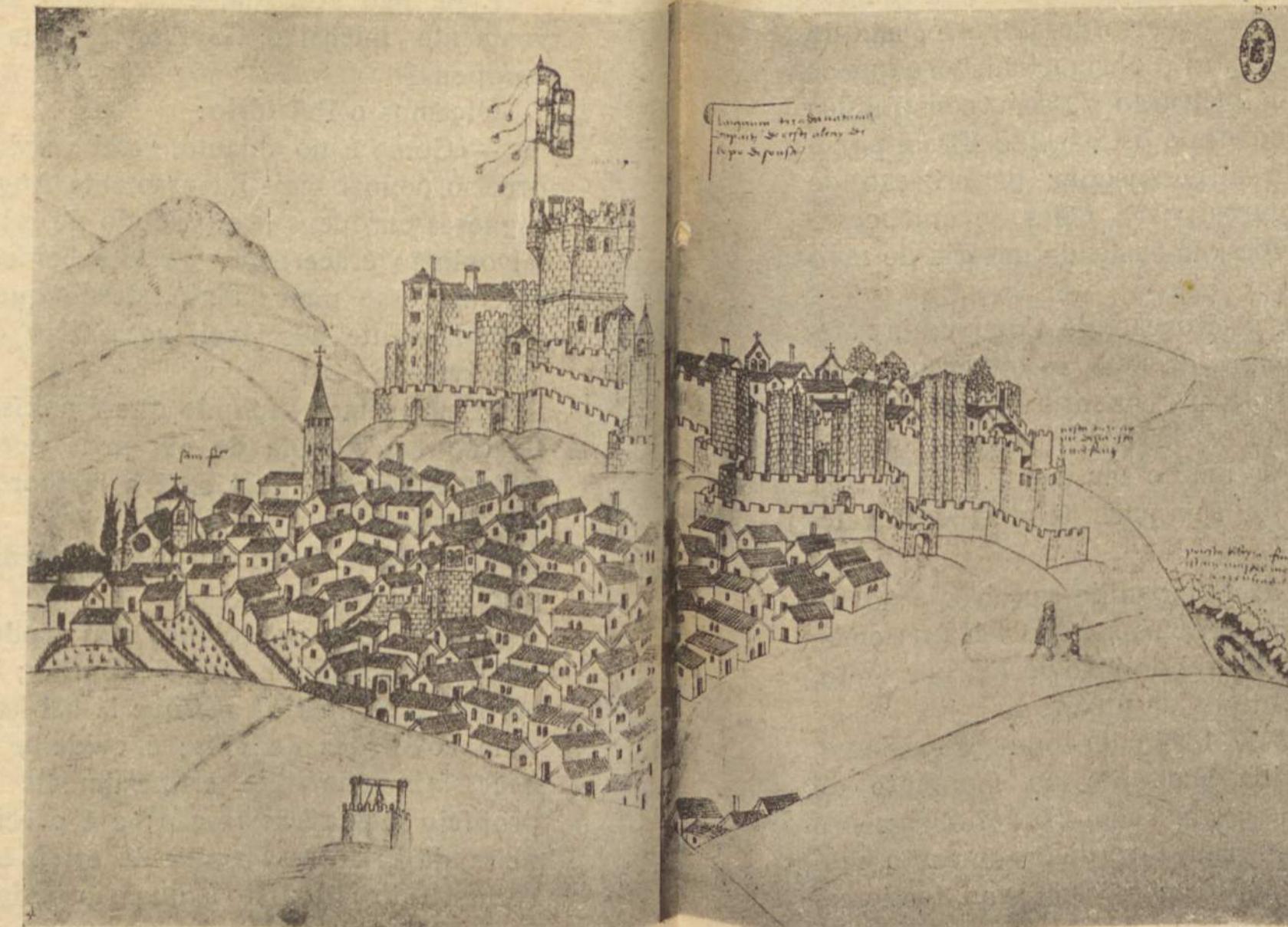
Há que louvar e agradecer a publicação deste Relatório. É perigoso crear ilusões de realidades que nunca serão possíveis; o que, acima de tudo se deve fazer, é encaminhar o problema lealmente, com competência, para que a colonização de Angola seja, não um desastre, mas um elemento de riqueza e de consolidação nacional.

PORTUGAL HISTÓRICO

À esquerda — Bragança, antigo convento beneditino de Castro de Avels, arco em ruínas

À direita — Vila Viçosa, Pombal (pintura de H. P.)

Ao centro — Castelo de Bragança, risco de gravura antiga



O Caminho de Ferro em Portugal

Por JOSÉ LUCAS COELHO DOS REIS

A organização ferroviária mais importante do País, como se sabe, é a da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, fundada em 1859, e que explorou até aí pelas alturas de 1928, em regimen de monopólio absoluto, o transporte colectivo de passageiros, gado e mercadorias, sem a mais pequena concorrência de qualquer outro meio de transporte mecânico. Estava portanto esta Companhia em condições de fazer uma exploração lucrativa, tanto mais que as suas linhas atravessam as regiões mais ricas, férteis e populosas, mas apesar disso a Companhia foi levada à falência em 1892, os accionistas não receberam dividendo algum desde 1890, ou seja há cerca de 50 anos, em 1930 teve que fazer uma nova concordata com os obrigacionistas, e êstes, quer pela concordata de 1894, quer pela de 1930, viram o seu capital fortemente reduzido.

Porque se não conseguiu uma exploração lucrativa, desde 1890 até 1928, de forma a remunerar-se o capital accionista, estando a Companhia só em campo, livre de qualquer outra concorrência?

É interessante e conveniente saberem-se estas coisas, e bem assim em que consistiram as concordatas de 1894 e de 1930, para se poder fazer uma ideia, ainda que aproximada, de qual terá sido o prejuízo sofrido pelos accionistas e obrigacionistas, prejuízos que nunca se poderiam ter dado, se desde a fundação de tão importante Companhia se tivessem procurado, entre os accionistas, pessoas dotadas de bom senso prático para o Conselho de Administração, dispostas a dedicarem-se exclusivamente ao serviço da emprêsa durante 12, 14 ou 16 horas por dia, e com a coragem precisa para imprimirem uma administração rigorosamente económica.

Mas vamos às concordatas.

Em virtude da falência da Companhia, entendeu por bem o governo de então, nomear uma Comissão Administrativa para administrar a emprêsa,

composta dos Conselheiros Frederico Gusmão Correia Arouca e João Marcelino Arroyo, ministros de estado honorários e Conselheiro Ernesto Madeira Pinto, representantes do governo; do Conselheiro António Maria Pereira Carrilho, Manuel Pais Vilas Boas e Manuel de Castro Guimarães, administradores da Companhia; e de Victorino Vaz Júnior, Albert Lechat e Heinrich Hohenemser, respectivamente representantes dos Crédores portugueses, franceses e alemãis. Como se vê não eram figuras apagadas...

Esta Comissão que foi nomeada por Decreto de 11 de Novembro de 1893, constituída, como se vê, por 9 membros, teve por missão, além de administrar provisoriamente a Companhia, o elaborar e propor os acordos necessários para a sua reconstituição.

Entendeu o governo, e muito bem, que não eram necessários mais do que nove homens para administrarem a Companhia, procederem à sua reconstituição e praticarem todos os demais actos provenientes da sua falência — e os accionistas, os obrigacionistas e o público, pensaram, com a sua costumada ingenuidade, que a Companhia iria enfim entrar em vida nova, e que nunca mais se tornariam a constituir Conselhos de Administração com um número superior a nove membros, tanto mais que o governo da Nação era composto nesse tempo apenas por sete ministros, e um chefe do Estado, que era o Rei. O que é certo, porém, como os factos o vieram provar, parece que o principal trabalho da Comissão consistiu colocar a Companhia numa situação de certo desafogo à custa do sacrifício dos accionistas e obrigacionistas e que os Conselhos de Administração fossem constituídos por 21 administradores e o Conselho Fiscal por 6 membros, e ainda a perspectiva da criação de muitos outros lugares, para nêles se anicharem determinadas pessoas, à custa da miséria de muitos accionistas.

Ao verificar-se a situação da Companhia referida, a 31 de Dezembro de 1893, reconheceu-se que a sua dívida flutuante era constituída, incluídos os juros atrasados, por 10.079.332.681 réis, figurando o Estado português como o seu maior crèdor, com 5.498.385.172 réis, ou seja mais de metade da referida dívida.

As obrigações da Companhia em circulação, na referida data, eram 817.627, sendo 94.510 da emissão de 1886 (Beira Baixa) do juro de 4 1/2 por cento, e 723.117 de vários tipos de juros.

Da concordata de 1894 com todos os crèdiores, consta que a dívida flutuante no montante de 10.079.322.681, foi resgatada com 132.347 obrigações privilegiadas do 1.º grau, juro de 3 por cento e do valor nominal de 500 francos cada uma, tendo cabido ao Estado português 72.718 para liquidação do seu crédito, e aos restantes crèdiores foram en-

tregues 59.629 iguais às que o Estado recebeu, tendo-se fixado a cada obrigação o preço aproximado de 75.600 réis. Foi por esta forma que se liquidou toda a dívida flutuante.

Além da dívida flutuante, havia mais os encargos contraídos pela Companhia com as linhas da Sociedade dos Caminhos de Ferro de Madrid—Cáceres—Portugal e do Caminho de Ferro do Oeste de Espanha. Estes encargos foram resgatados, segundo a referida Convenção, com 50.000 obrigações do mesmo tipo e juro, das que foram emitidas para liquidação da dívida flutuante.

Havia ainda os encargos também contraídos pela Companhia, com a Companhia do Grande Central Espanhol. Estes encargos foram resgatados pela entrega de 13.714 obrigações igualmente do mesmo tipo e juro.

Enfim — para pagar e resgatar todas as dívidas e encargos contraídos por aqueles que levaram a Companhia à falência em 1892, foram emitidas 212.210 obrigações privilegiadas de 1.^º grau, do juro de 3 por cento.

Foi assim por esta forma que a Companhia liquidou todas as suas dívidas e encargos, conforme se estabeleceu na Concordata de 1894. A custa porém de quem? Unicamente dos obrigacionistas e accionistas. Estes é que têm sido as únicas vítimas daqueles que levaram a Companhia à falência e dos que a continuaram depois a administrar.

Para se fazer uma pequena ideia do enorme sacrifício que tem sido exigido àqueles que empregaram os seus capitais na obra de fomento mais importante do século passado, basta dizer-se que das 817.627 obrigações que existiam em 31 de Dezembro de 1893, a 94.510 do juro de 4 1/2 por cento emissão de 1886 (Beira Baixa) o seu juro foi reduzido para 3 por cento, e as restantes 723.117 foram convertidas, 234.373 em obrigações privilegiadas de 1.^º grau do juro certo de 3 por cento e 468.745 em obrigações de 2.^º grau de juro variável e incerto, que nunca poderia ser superior a 3 por cento.

Quer dizer — das 723.117 obrigações, 468.745 foram convertidas em obrigações de 2.^º grau de juro incerto, motivo porque estiveram muitos anos sem receberem absolutamente nada, e em 1930 pela segunda concordata, todas as obrigações de 2.^º grau que ainda havia em circulação num total de 364.309 do valor nominal de 500 francos cada uma, foram convertidas em 37.203 do mesmo valor nominal de 500 francos, ou seja uma redução de cerca de 90 % do seu valor inicial!!

Aos accionistas então, desde 1890 que nunca mais receberam absolutamente nada, nem ao menos se lhes tem concedido uma redução nos preços das suas passagens, quando viajam nos combóios da emprêsa, quanto é certo, que muito aproximadamente a 150 mil pessoas usufruem essa regalia, e destes, cerca de cem mil, sem prestarem o mais

pequeno serviço à Companhia, como sejam, por exemplo, pais, mães, irmãs solteiras e irmãos menores, com a agravante, ainda, de quase na sua totalidade nem sequer viverem na companhia dos empregados! É justo que isto continue assim?

Tamanho sacrifício, exigido ao accionistas e obrigacionistas, requeria da parte da Comissão, que foi nomeada pelo governo em 1893, para elaborar e propôr os acordos necessários para a reconstituição da Companhia, que fossem estabelecidas bases da mais severa economia e uma fiscalização apertada sobre todos os actos da administração — mas com nada disto se preocupou a Comissão. Do que ela se não esqueceu foi em fixar o número de administradores em 21, com um Comité em Paris e um Conselho Fiscal de 6 membros, porque nisto eram interessados vários membros da Comissão, pois alguns foram eleitos ou nomeados para o primeiro Conselho de Administração e Fiscal a seguir à aprovação da Concordata...

Qualquer pessoa medianamente culta reconhece que se tivesse havido unicamente o desejo de defender o interesse dos accionistas e obrigacionistas, a referida Comissão teria proposto que o Conselho de Administração fosse constituído apenas por 5 membros, sendo dois escolhidos entre os obrigacionistas, outros dois accionistas e um nomeado pelo governo, a quem se pagaria bem e com a obrigação de não poderem acumular com outro qualquer cargo público ou particular, afim de se poderem ocupar exclusivamente durante todo o tempo que fosse preciso, quer de dia, quer de noite, na defesa dos interesses da Companhia e do público. Assim é que estaria certo.

Estou convencido, porém, que a Companhia, apesar de tudo, tem condições de vida para prosperar e para começar a remunerar breve o Capital accionista — e que vai enfim entrar em vida nova — e a resolução do Conselho de Administração de estabelecer, além da taxa de velocidade, mais uma senha de lotação que custa, 10\$00—12\$00 ou 15\$00 conforme o percurso a efectuar, para os passageiros que se queiram utilizar das novas carruagens, é uma resolução inteligente, porque afugenta das referidas carruagens, pelo menos, umas cem mil pessoas que viajam sem pagar, com a agravante de muitos se fazerem acompanhar de cestos, cabases e outros volumes, que incomodam por vezes os passageiros que pagam.

As carruagens de luxo, que custaram cerca de mil contos cada uma, foram por certo adquiridas para viajarem de preferência nelas, quem pagar por inteiro as suas passagens, ou pelo menos a taxa de lotação e de velocidade. É por isso que a resolução tomada pelo Conselho de Administração da Companhia é uma medida inteligente, porque evita em grande parte que as novas carruagens sejam utilizadas por aqueles que nada pagam.

O que se fez em Caminhos de Ferro em 1938-39

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

E' absolutamente natural haver em Portugal uma grande falta de fé nos progressos dos nossos caminhos de ferro.

Grandes nações como a França, a Inglaterra e a Itália tiveram a mesma fase mas, muito a tempo, os governos viram-se na necessidade de prestar um auxílio rápido e eficaz às Empresas e Companhias e assim conseguiram restabelecer rápidas comunicações e beneficiar os serviços ferroviários de molde a serem utilizados como primeiros meios de transporte.

No último Congresso Internacional de Caminhos de Ferro estudaram-se problemas de alta importância técnica e administrativa, problemas que noutras nações tiveram éco, mas que em Portugal, apesar da grande representação no citado Congresso, de nada resultaram.

Nós nem sabemos como é que as nossas Companhias de Caminhos de Ferro conseguem fazer algumas reparações nas suas linhas, dadas as constantes dificuldades impostas no momento e com a crise actual.

Vamos dar aos nossos leitores nota dos principais trabalhos executados durante os anos de 1938 e 1939 na Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses (C. P.) que constam do seguinte:

1938

Renovação da linha, no túnel de Albergaria;
Modificação da sinalização, na estação de Gaia, lado Norte;

Conclusão dos trabalhos de ampliação do dormitório para o pessoal auxiliar do Depósito de Materiais;

Conclusão da construção dum armazém para resguardo de madeiras no Entroncamento;

Montagem de linhas telefónicas entre Coimbra e Gaia; Tôrre das Vargens e Marvão; Tôrre das Vargens e Elvas, para serviço das guardas das passagens de nível;

Fabrico e colocação de tabuletas anunciadoras de passagens de nível;

Levantamento da estação de Santo Amaro e construção, com os materiais desta, duma nova dependência em Alcântara-Mar;

Prolongamento de 120^m, da linha de cais da estação de Esmoriz;

Modificação das linhas de Lisboa-R. (comêço dos trabalhos);

Construção de Armazéns de Víveres, no Cacém e no Entroncamento;

Reparação da ponte de Lanhelas, na linha do Minho;

Construção da Central Geradora, em Rio Tinto;

Construção duma plataforma, em Rio Tinto;

Ampliação do Armazém de Víveres, no Barreiro;

Canalização de água para o Depósito do Barreiro;

Conclusão da Cabine e Central eléctrica para a sinalização de Pinhal Novo;

Diversos trabalhos para evitar a adução de areias no Poço de Pinhal Novo;

Construção dum reservatório de formigão armado, em Pinhal Novo.

1939

Renovação da linha ascendente entre os quilómetros 287, 525 e 287,900 e da linha descendente entre os quilómetros 312,100 e 316,410 e os quilómetros 319,030 e 332,500, da linha do Norte;

Construção de muros de revestimento entre os

quilómetros 72,520 e 72,634 e os quilómetros 73,230 e 73,496 da linha de Leste;

Modificação dos cais de passageiros de Lisboa-R, ainda não terminada;

Modificação e ampliação das linhas da estação de Campolide, em execução;

Construção da variante da linha descendente de Lisboa a Sintra e Tôrres, ainda em execução;

Construção de um apeadeiro, ao quilómetro 314,993 (Silvalde), da linha do Norte;

Construção de um Armazém de Viveres, no Entroncamento;

Grandes reparações dos edifícios de passageiros das estações de Mogofores, Vale do Pêso, Vale de Figueira e Barquinha e da Cocheira de máquinas do Entroncamento;

Grandes reparações nos caminhos de acesso aos cais de mercadorias de Braço de Prata, Caldas da Raína, Esmoriz, Pataias, Coimbra-C e Coruche;

Construção de casas para pessoal em Guia e Castelo Branco;

Montagem do novo pontão de Campolide sobre a variante da linha descendente de Sintra;

Substituição de 9 pontões, nas linhas de Leste e de Sintra;

Execução de toda a estrutura metálica para a cobertura da nova linha de Lisboa-R;

Montagem de 650 quilómetros de linha telefónica e instalação de 381 telefones, em 341 passagens de nível e em 40 estações.

Grande reparação dos edifícios de passageiros das estações de Almendra, Caminha, Caíde, Carapecos, Côa e Rêde;

Reparação e pinturas gerais das pontes no trôco

da linha do Minho, de Ermezinde a Darque e no da linha do Douro, de Ermezinde a Régua;

Montagem de 71 quilómetros de linhas telefónicas;

Grande reparação dos edifícios de passageiros das estações de Alcáçovas, Ameixial, Amoreiras, Ferragudo, Lisboa-T. P., Moura e Tôrre da Gadanha;

Grande reparação dos encontros da Ponte de Corona (na linha do Sado);

Pinturas gerais nas pontes nos troços da linha do Sul, de Santa Clara a Tunes e de Faro a Tavira e no Ramal de Lagos, entre Ferragudo e Lagos;

Refôrço dum pilar da Ponta da Ribeirinha, na linha do Sul;

Montagem de 45 quilómetros de linhas telefónicas;

Renovação da linha entre os quilómetros 0,300 e 2,679 do ramal do Pôrto;

Balastragem das linhas da estação de Ermezinde;

Construção do apeadeiro de Pedrouços da Maia, ao quilómetro 7,598 da linha de Cintura do Pôrto;

Colocação de cancelas em 37 passagens de nível, da linha de Cintura do Pôrto;

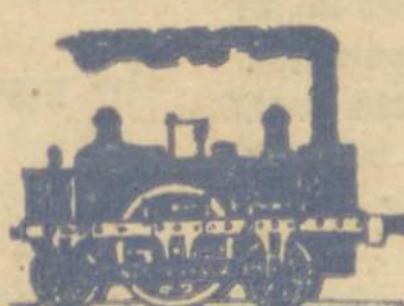
Ampliação do dormitório de Viana do Castelo;

Construção de abrigos de cimento armado, em Alhos Vedros, Lavradio, Moita e Pinhal Novo;

Instalação eléctrica de sinalização e manobra de agulhas, em Pinhal Novo;

Abertura de um novo poço, construção de um reservatório de formigão armado e montagem de um motor a óleos, na toma de água de Tunes.

Pois tudo isto se fez não falando na conservação corrente de todas as suas linhas.



Linhos Estrangeiros

ALEMANHA

O jornal «Ovto» anuncia que os bombeiros da cidade alemã de Trier são sem sombra de dúvida os primeiros que adoptaram locomotoras para transporte das equipagens. Como se sabe, até ao presente os bombeiros usavam unicamente automóveis rápidos para poderem transportar-se dum local ao outro. As locomotoras que agora foram postas em uso têm uma capacidade de tracção de 25 toneladas.

A sua adopção resultou da necessidade de, por vezes, se dever fazer o transporte duma grande quantidade de materiais e acessórios, especialmente para combater enormes incêndios que eventualmente se declarem em bosques muito cerrados.

— Os Caminhos de Ferro Alemãis, que em fins de 1937 dispunham de 287 comboios automotores, quase triplicaram essa cifra em fins de 1937. O primeiro comboio automotor rápido foi posto a serviço em 1933 e atingia uma velocidade média de 104 quilómetros. Em 1937 estes comboios passaram a percorrer uma média de 169,722 quilómetros horários.

Em meados do ano transacto foi posto em circulação um novo comboio que é o mais perfeito que se tem construído no seu género. É curioso citar algumas das suas características: pesa mais de 200 toneladas e a potência do seu motor é de cerca de 1300 HP.; nos restantes comboios, porém, a força motriz estava distribuída por diferentes grupos impulsores, enquanto que neste toda maquinaria está disposta num único compartimento, à frente do qual e separado por uma parede isoladora de som e calor se encontra o posto do condutor. No extremo oposto do comboio encontra-se um posto semelhante, munido de todos os dispositivos necessários para manejo e direcção, o que permite ao comboio correr nos dois sentidos. Além do motor citado, possue um outro auxiliar de 150 HP. que produz a corrente necessária para todos os serviços suplementares, tais como luz, compressores de ar, travões, carregamento dos acumuladores, ventilação, etc.. Devido ao grande peso, o chassis desta parte do comboio foi reforçado e inteiramente soldado.

AMÉRICA

Um telegrama de Havana para a D. N. B., transcrito no «Va», de Madrid, informa que o delegado da Bolívia à Conferência Pan-Americana propôs a construção imediata de um caminho de ferro atravessando a América do Sul desde Santos (Brasil) até Arica (Chile).

ARGENTINA

O ministro das Obras Públicas, ditou um decreto autorizando o empréstimo de doze milhões de pesos, o qual se destina à construção de diversas linhas e ramais dos caminhos de ferro do Estado, distribuídos nas linhas Pie de Palo a Mendoza, Salta a Socumba, Metás a Barruqueras, Rosario de la Frontera a Antilha, La Banda a S. Tiago del Estero, San Juan a Jachal, etc.

Encontram-se em estudo os planos das obras a efectuar êste ano, apresentados aos caminhos de ferro do Estado, cuja importância ascende a 42.000.600 pesos, moeda nacional.

BRASIL

O presidente Getúlio Vargas assinou um decreto ordenando a encorporação, no Património Nacional, da Companhia dos caminhos de ferro «Brasil Railway C.º», e de todas as empresas ferroviárias unidas daquela Companhia, que são uma dezena. O seu capital é, na maioria, britânico, com algumas pequenas quotas francesas, belgas e norte-americanas. O dr. Getúlio Vargas afirma, no seu decreto, que «dado que aquelas companhias ferroviárias não pagam, pontualmente, aos seus credores, provocando descontentamento e confusão na finança, com prejuízo para o crédito público brasileiro no estrangeiro, o governo do Brasil apodera-se das referidas empresas no supremo interesse da Nação, ficando a seu cargo o activo e o passivo».

Esta medida, que neste momento tem um sentido não apenas económico mas também político, é muito comentada em toda a América do Sul, onde os interesses financeiros britânicos são enormes.

— A administração da E. F. Central, prevenindo, em virtude da situação actual, uma possível falta de combustível, reuniu em «stock» cerca de 600.000 metros cúbicos de lenha.

As locomotivas sofreram as necessárias transformações.

CHINA

A companhia britânica que explora a linha férrea Cantão-Hong-Kong foi obrigada a suspender as viagens entre êstes territórios.

ESPAÑA

Foi inaugurada a nova ponte sobre o Llobregat, em Honistrol, em substituição da destruída pelos «vermelhos», na linha Barcelona a Manresa, dos caminhos de ferro catalãis. Assistiu ao acto elevado número de individualidades.

— Com a assistência do general Espinosa de los Monteros, chefe da 8.ª Região Militar, celebrou-se em Barcelona a inauguração da Oficina Comum de Turismo e Informações, das Companhias do Norte e M. Z. A. No acto da inauguração foi exposto um

plano de electrificação das linhas M. Z. A., dos arredores de Barcelona, em combinação com o «Metro» transversal.

Desde as estações e apeadeiros de Barcelona, haverá combinação rápida e contínua com 29 estações dos arredores.

— Por acôrdo da Prefeitura Militar de Caminhos de Ferro com as grandes Companhias, estabeleceram-se convénios para a instrução prática nas linhas férreas das tropas dependentes dessa Prefeitura. Segundo um dos convénios, a Companhia admitirá até 450 classes e indivíduos de tropa pertencentes à Agrupação de Batalhões Práticos, para que possam completar a sua instrução, afim de assegurar a circulação quando circunstâncias excepcionais o exijam.

FRANÇA

O ministro das Comunicações da França, Pietri, chamou a atenção, num discurso, para a desordem e para as destruições que a guerra causou no sistema das comunicações francesas. Só as pontes destruídas são setecentas.

O ministro disse que tudo se fará para se reparar o mais depressa possível o mal. Foi preparado um vasto plano de reconstrução, que pode ocupar durante meses muitas centenas de milhar de operários. Pietri acrescentou que a Administração Central do Serviço de Transportes se estabelecerá de novo em Paris e que dois terços do pessoal retomará o trabalho. A maior tarefa que lhe incumbe é o transporte dos refugiados e dos militares desmobilizados. Trata-se de seis milhões de pessoas, para o transporte das quais são precisos 5.500 comboios normais.

O ministro declarou, por fim, que a melhoria já introduzida nas comunicações telefónicas e no tráfego ferroviário se acentuará activamente. É necessário um trabalho intensivo de todos os que forem chamados a dar o seu esforço.

— Os caminhos de ferro recuperaram a sua actividade a uma cadência acelerada. Calcula-se, desde já, que os caminhos de ferro franceses já atingiram cerca de 60 por cento da sua actividade normal. A par disso, prossegue a rítmo normal o programa de adaptação das quedas de água. Com efeito, a importância destes trabalhos é primordial pois a hulha branca remediará a escassez da gazolina e do carvão. A marcha destes trabalhos tem sido dificultada pelo problema do transporte de materiais, etc. devido à falta de combustíveis, mas essas dificuldades em breve serão vencidas. Cita-se como exemplo o caso das obras de uma barragem que estavam em risco de serem paralisadas devido à impossibilidade de transportar ferro e outras matérias primas, da estação do caminho de ferro para o local das obras. Num tempo «récord» instalou-se um caminho de ferro eléctrico provisório, resolvendo-se assim, radicalmente, o problema.

— O jornal oficial publicou os decretos relativos à exploração da rede ferroviária. Um destes diplomas põe termo à requisição dos caminhos de ferro, determinada em 24 de Agosto de 1939, que colocava todos os recursos ferroviários franceses à disposição do governo, para fins militares. O outro decreto precisa, designadamente, que os transportes necessários para a execução de certas cláusulas da convenção do armistício beneficiarão de prioridade absoluta.

ITALIA

Um desabamento de terras provocou o deslocamento da via férrea internacional Luino-Bellizona, na margem ocidental do Lago Maggiore, próximo de Zenna, na fronteira italo-suiça. Idêntico fenômeno se registrou na linha férrea que liga Zenna à Suíça. Os serviços ferroviários estiveram interrompidos durante muitas horas.

NORUEGA

Para a electrificação da linha Trälleborg-Göteborg-Oslo, os caminhos de ferro adquiriram oito locomotivas para comboios directos e mercadorias do tipo 1-Do-7. O peso de cada uma destas máquinas não vai além de 84 toneladas com a velocidade de 110 quilómetros.

SUIÇA

Foram construídas dez locomotivas Diesel-eléctricas de 1200 H. P., cuja velocidade máxima é de 100 quilómetros horários.

— Embora este país não tenha condições para grandes velocidades, nestes últimos anos, têm-se realizado importantes progressos neste sentido.

Efectuaram-se há pouco ensaios dum novo tipo de comboio ligeiro de velocidade elevada.

Com este novo comboio poder-se-á alcançar as velocidades de 110 e 125 quilómetros horários.

TURQUIA

Está já concluido o último trôço do caminho de ferro de Bagdad, iniciado há 37 anos.

Até aqui, os passageiros que vinham de Haidar Pachá (em frente de Iztambul) tinham que deixar em Telkuchuk o «expresso» «Taurus». Eram transportados em «autobus», via Mossul a Beidji, onde as «pipelines» que vão do Kerkuk ao Mediterrâneo cruzam o Tigre e o caminho de ferro. Ali os viajantes podiam tomar o comboio que os conduzia a Samrra, a Bagdad, e Basra, no Golfo Pérsico. A conclusão deste trôço do caminho de ferro deve-se a personalidades alemãs, especialmente a Georg von Siemens, do Banco Alemão.

A Guerra

e os Caminhos de Ferro

XXI

DA IMPRENSA: (Atrazado)

Referindo-se às afirmações contidas no comunicado alemão, de que a aviação alemã havia bombardeado e destruído importantes objectivos ferroviários em Inglaterra, os círculos autorizados desta cidade declararam que os estragos causados em vias férreas inglesas, na data a que se refere aquele comunicado, foram de tão pouca importância que nem mesmo valeu a pena mencioná-los.

— Realizam-se conversações entre os governos romeno e russo, sobre certos problemas que dizem respeito aos territórios recentemente cedidos.

A U. R. S. S. exige a restituuição do material dos caminhos de ferro que os romenos tinham levado consigo. A exigência russa é designada como dura, mas não irrealizável. Conta-se com uma liquidação rápida do assunto.

— Os aeródromos e fortificações de Malta foram atingidos por umas 1.500 toneladas de explosivos, carga normal de 150 vagões do caminho de ferro.

— Foram bombardeadas linhas de caminho de ferro, estradas e depósitos de abastecimento na Inglaterra do Sul.

— A importância da conquista italiana de Kurmuk, no Sudão anglo-egípcio, é sublinhada pela Imprensa alemã. O «Angriff» escreve que a tomada do forte de Kurmuk representa para os ingleses uma gravíssima perda pois se trata dum a posição chave que domina a alta região do Nilo branco e o caminho de ferro para Kartum.

— No Sudão, os aviões bombardearam a instalação do caminho de ferro de Port-Sudan, incendiando um entreposto e o aeródromo de Gebeit, onde foram infligidos graves estragos e atingida, no solo, uma dezena de aviões inimigos.

— Depois da restauração da linha férrea e do túnel danificados durante os combates travados na região, chegou à Itália o primeiro comboio, vindo de França, através do Monte Cents. O comboio chegou a Modane.

— Informam de Londres que se está em via de substituir os vidros dos tectos das estações de caminhos de ferro por feltro comprimido, afim de

evitar o perigo de estilhaços. Os trabalhos já estariam em curso em duas estações da capital inglesa.

— São esperados, em comboios especiais, cerca de setecentos americanos que viviam em vários países europeus. Dirigir-se-ão depois a Petsamo, onde embarcarão no «American Legion» que os transportará para os Estados Unidos. Duzentos daqueles americanos são esperados da Noruega, 150 virão da Finlândia e duzentos dos países bálticos.

— Houve um incêndio na estação de caminho de ferro de Miramas explodindo alguns comboios de munições. Ficaram feridas 25 pessoas. Não houve mortes.

Os comboios da Cruz Vermelha que tinham partido de Marselha para Miramas na previsão de haver ali grande número de vítimas não chegaram a ser utilizados.

Os estragos materiais são, porém, avultados.

— Informam de Vichy que no quadro da desmilitarização e em virtude de diferentes decretos publicados no «Journal Officiel», foi suprimida a direcção dos caminhos de ferro franceses. A direcção e exploração dos caminhos de ferro fica de futuro submetida à vigilância do Ministro das Comunicações.

— Na África setentrional a estação ferroviária de Marsa Matruk, as concentrações de meios mecanizados e as posições inimigas de Sidi Barrani, foram eficazmente bombardeadas pelas formações aéreas.

— O coronel Sato, além do pedido das bases navais e do livre trânsito por via férrea, de tropas para a Indochina chinesa, exige a entrega de nove milhões de dólares chineses «congelados», para fornecimentos ao Exército de Chang-Kai-Chek.

— O chefe do Estado francês, exprimiu os seus agradecimentos à generosidade americana, graças à qual mais de mil vagões de produtos alimentícios foram distribuídos aos refugiados na zona livre, ao mesmo tempo que grande quantidade de vagões com comestíveis eram enviados para a população necessitada de Paris.

— O Estado Maior do Exército comunicou que aviões estrangeiros não identificados voltaram a sobrevoar a Suíça. Houve alarme registando-se actividade da defesa anti-aérea.

Cairam bombas na via férrea de Diessatnofen e Schlatt, ficando destruidas as linhas telefónicas e telegráficas. Os carris nada sofreram.

Trata-se da quarta vez, em menos de uma semana, que o território suíço é violado por aviões.

— Na África Oriental, grupos de «dubats» ocuparam o forte inglês de Polignac nas proximidades do lago Rodolfo. Formações aéreas bombardearam a estação ferroviária de Khassm-el-Ghirba (Sudão) e os aeroportos de Wajir e Garissa, (Kénia),

J. Fernando de Souza

As bôdas de oiro dêste ilustre ferroviário e nosso querido Director

Neste mês de Setembro de 1940, celebra as bôdas de oiro de ferroviário o nosso querido e eminente Director sr. engº J. Fernando de Souza, pois que, em igual mês de 1890, iniciou profissionalmente essa especialidade de serviço.

Com a nossa mais viva admiração registamos o facto e endereçamos, cordealmente, as nossas homenagens ao homem ilustre a quem o país tanto deve, como engenheiro e como jornalista, e que, desde 1900, isto é, há quarenta anos, nos dá a honra da sua colaboração efectiva.

A vida do nosso querido Director é um exemplo admirável de trabalho, de energia, de coragem moral e até de sacrifício. Ninguem o excede na noção e no respeito pela dignidade profissional. O seu conceito de honra é uma lição proveitosa e nobre. Os seus próprios adversários políticos se não concordam com as suas idéias, sempre servidas e defendidas com a mais alta sinceridade, não podem todavia, de ânimo leve, dirigir-lhe insinuações injustas à inteireza do seu carácter de bom português à antiga.

Damos, em seguida, um resumo da sua extraordinária actividade profissional.

Nascido a 30 de Maio de 1855, terminou em 1876 o curso de Engenharia Militar, saindo classificado com o n.º 1 do seu curso.

De 1877 a 1881 serviu na Inspecção de Engenharia Militar de Évora e em 1881 foi requisitado para a Direcção Geral dos Trabalhos Geodésicos.

Em 10 de Setembro de 1890 foi nomeado Adjunto do Director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste.

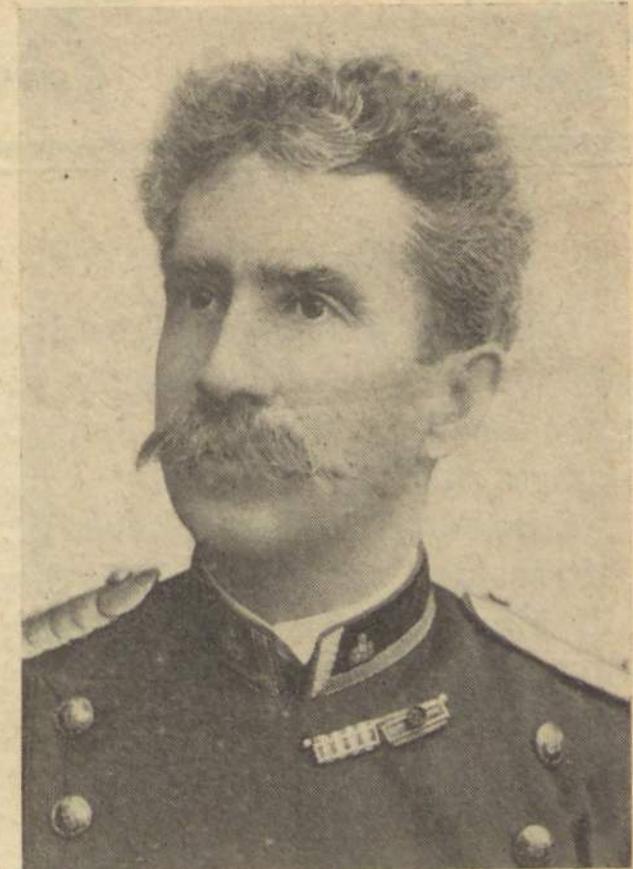
Em Agosto de 1899 foi nomeado vogal secretário do Conselho de Administração dos Caminhos de Ferro do Estado criado por lei de 14 de Julho

de 1899, lugar de que pediu a demissão em Janeiro de 1911. Foi então nomeado inspector geral técnico da Companhia dos Caminhos de Ferro de Salamanca e Fronteira, lugar que foi transformado no de Representante em Portugal da Companhia do Oeste de Espanha.

Em 1912 foi servir nas linhas do Vale do Vouga, primeiro como engenheiro consultivo e depois como inspector técnico.

Desde 1918 foi vogal representante da Companhia na Junta Consultiva de Caminhos de Ferro e no Conselho Superior que lhe sucedeu até 1935.

É desde 1912 engenheiro consultivo da Sociedade Estoril.



O Coronel de Engenharia J. Fernando de Souza, quando na actividade ferroviária

Ao ilustre engenheiro e nosso querido Director todos quantos trabalham na *Gazeta dos Caminhos de Ferro* apresentam, efusivamente, os seus melhores cumprimentos de felicitações.

Gazeta dos Caminhos de Ferro

REDACÇÃO

Em virtude dos seus muitos afazeres profissionais, deixa, desde hoje, de fazer parte do corpo redatorial da *Gazeta dos Caminhos de Ferro* o nosso presado amigo sr. Octávio Cardoso Pereira, que durante seis anos exerceu com bastante brilho e proficiência o cargo de secretário, lugar que passa a ser desempenhado pelo ilustre escritor sr. Américo F. Lamas.

Viagens e Transportes

Companhia da Beira Alta

Continua ainda em vigor durante o mês de Setembro corrente a circulação dos seguintes comboios da Companhia da Beira Alta com as respectivas marchas:

Combóio N.º 32 — Tramvia (1.ª e 3.ª classes). — Partidas de Pampilhosa, 6.15; Silvã, 6.24; Enxofães, 6.29; Murtede, 6.34; Cordinhã, 6.37; Cantanhede, 6.46; Limede, 6.54; Arazede, 7.01; Bebedouro, 7.06; Liceia, 7.13; Santana-Ferreira, 7.26; Costeira, 7.34; Alhadas, 7.40; Carvalhal, 7.46; chegada a Figueira da Foz, 7.55.

Combóio N.º 13 — Onibus-Expresso (1.ª 2.ª e 3.ª classes). — Partidas de Figueira da Foz, 11.05; Alhadas, 11.18; Santana-Ferreira, 11.28; Arazede, 11.42; Cantanhede, 11.53; chegada a Pampilhosa às 12.09.

Os referidos comboios são de grande vantagem para o público, porquanto o n.º 32 pode ser utilizado pelas pessoas do ramal que trabalhem na Figueira da Foz ou que necessitem de vender os seus produtos no mercado da mesma cidade, podendo estes regressar pelo combóio n.º 13.

O combóio n.º 13 pode ser utilizado pelos passageiros que do Ramal de Figueira se destinem à Beira ou ao Norte de Pampilhosa, pois liga em Pampilhosa com o n.º 3 de Beira Alta e com o rápido n.º 51 de Lisboa ao Pôrto.

Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal

Ramal de Leixões — Comboios n.ºs 101, 104, 106 e 161 — Modificadas as suas marchas, conforme o horário a seguir indicado:

Comboios n.ºs 101 e 161 — Pôrto-Trindade, partida, respectivamente, 0.30, 23.15; Av. França (ap.), 0.34, 23.19; Francos, 0.36, 23.21; Ramalde, 0.38, 23.23; Circunvalação, 0.40, 23.25; Senhora da Hora (cheg.) 0.42, 23.26; (part.) 0.42, 23.27; Vilarinha, 0.47, 23.33; Prado, 0.50, 23.35; Senhor do Padrão, 0.51, 23.37; Matozinhos (cheg.) 0.53, 23.39.

Comboios n.ºs 104 e 106 — Matozinhos, partida, respectivamente, 1.00, 23.45; Senhor do Padrão, 1.01, 23.46; Prado, 1.02, 23.47; Vilarinha, 23.50; Real, 23.53; Senhora da Hora, (cheg.) 1.11, 23.57; (part.) 1.13, 23.59; Circunvalação, 1.15, 0.01; Ramalde, 1.17, 0.03; Francos, 1.19, 0.04; Av. França, 1.22, 0.05; Pôrto-Trindade (cheg.) 1.26, 0.09.

Companhia Nacional de Caminhos de Ferro

Linha do Vale do Corgo — Previne-se o público que a circulação dos comboios Rápidos n.ºs 151 e 152, que devia terminar em 30 do corrente, é prorrogada até 20 de Outubro p. futuro.

Vida Ferroviária

COMPANHIA PORTUGUESA

Foi exonerado do lugar de Comissário do Governo junto da Companhia Portuguesa para a Construção e Exploração de Caminhos de Ferro, o sr. dr. Mário de Figueiredo e nomeado para o mesmo lugar o sr. dr. Fernando de Andrade Pires de Lima.

COMPANHIA DA BEIRA ALTA

Por resolução da maioria do «Comité» de Paris e por não ser possível no momento presente reunir na capital francesa, realizou-se em Lisboa, sob a presidência do sr. dr. António Centeno secretariado pelo sr. Alfredo Augusto Ferreira, a assembleia geral dos obrigacionistas da Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta, para eleição de dois gerentes para as vagas existentes.

Durante a assembleia usaram da palavra vários obrigacionistas, tendo, no final sido eleitos para a vaga no Conselho de Administração, o sr. dr. José António Marques e para a do «Comité» de Paris o sr. Charles Effig.

Assistiram aos trabalhos os srs. engenheiro Esmeraldo de Carvalhais e David Pestana, respectivamente, Comissário do Governo e Comissário do Governo Adjunto.

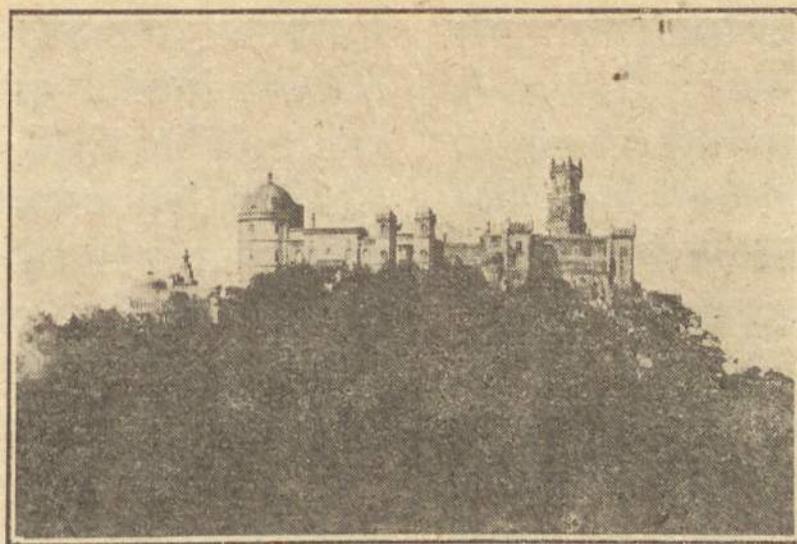
CORPOS DE BOMBEIROS NAS ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS

Devem começar a funcionar vários corpos de bombeiros recrutados entre empregados da C. P. que, munidos de extintores de incêndios, ficarão aptos a prestar socorros nas estações de caminhos de ferro.

Esta medida baseia-se no facto de se avolumarem, ultimamente, os casos de incêndio, em vagões de carvão vegetal, palhas, motores, etc., evitando-se, assim com esta inteligente medida, demoras prejudiciais na extinção dos primeiros indícios de fogo. As estações designadas para garnecimento de tais corpos de bombeiros são, entre outras, as de Braço de Prata, Alcântara-Mar, Alcântara-Terra e Entroncamento.

TENENTE CARLOS RODRIGUES

Passou ontem mais um aniversário o nosso estimado assinante e amigo sr. tenente Carlos Rodrigues, um dos oficiais mais valentes que constituem o Exército Português. Velho companheiro da Grande Guerra daqui lhe enviamos o nosso cartão de felicitações, extensivo a sua família.



SINTRA — Palácio da Pena

S I N T R A

e os seus problemas

Por REBELO DE BETTENCOURT

EM Sintra, temos que ver dois problemas: um, que diz respeito às suas possibilidades como centro de turismo, outro, que engloba tôdas as necessidades, tôdas as aspirações dum Concelho, dos mais importantes, pelo número da sua população e riqueza agrícola, do Distrito de Lisboa.

Terra de encanto inigualável, Sintra que vem sendo celebrada, desde há séculos, em várias literaturas e em quadros de pintores e desenhadores nacionais e estrangeiros, como um dos recantos mais belos do mundo; esta Sintra, que foi residência de reis e príncipes; esta Sintra encantadora que Lord Byron, no «Child Harold», imortalizou com a designação de eden incomparável, deixou de ocupar, desde há muito, o primeiro lugar como estância de turismo. Por várias vezes, a imprensa regional, pela pena de seus principais colaboradores, se tem referido, com estranhresa,

ao facto. Individualidades, das mais distintas, em depoimentos notáveis, têm estudado o problema, sob vários dos seus aspectos, e apresentado, com inteligência e larga visão, alguns alvitres.

Com efeito, é para estranhar que uma estância como esta, que se notabiliza pela amenidade do clima, pelo pitoresco das paisagens e pelo valor dos seus monumentos, tenha descido, sob o ponto de vista turístico, para plano secundário. No país, nenhuma outra terra excede em beleza Sintra e seus arredores e, no entanto, outros centros de turismo, menos favorecidos pela Natureza, têm-lhe tirado a freqüência e a preferência. De que carece a região, para que ocupe, de novo, o primeiro lugar como centro de turismo? O que é que falta em Sintra para que volte a ser largamente freqüentada? O jôgo será, efectivamente, aconselhável como meio de atracção? Ou é a carência de um hotel moderno um dos

motivos do desinteresse dos turistas mais exigentes?

Pensou-se, em tempos, em interessar no assunto a Estoril Plage. Esboçou-se um plano de realizações e perfilhou-se a ideia, na verdade digna de carinho, de se constituir o triângulo turístico: Estoril, Sintra, Praia das Maçãs. Mas se a ideia, por um lado, em determinados sectores, despertou entusiasmo, por outro lado, em diversos grupos, suscitou exigências, as quais a Estoril Plage não quiz aceitar, por exageradas. O Casino de Sintra fechou e não sabemos que destino vai ter. E não se construiu um hotel de primeira classe, nem se procedeu, como se pretendia, a alguns melhoramentos. E nem sequer se reuniram, para uma acção conjunta, os valores e as dedicações dispersas. E as boas intenções, por isso, não foram compreendidas e aproveitadas. E, por isso, certos elementos, que podem prestar serviços úteis à terra, têm sido injustamente hostilizados.

Sem unidade, sem verdadeiro espírito bairrista, nenhuma terra pode progredir. Sob o ponto de vista turístico há muito que fazer em Sintra. O que ela tem de mais belo pertence à Natureza e ao passado. É pouco, muito pouco mesmo o que constitue património do presente.

Sintra tem tido homens que a têm servido com carinho, com sacrifício mesmo. E de entre os que têm posto a sua dedicação ao serviço da terra lembramos, agora, gostosamente, o nome de Camilo Farinhias. Este, sob o ponto de vista industrial. Sob o ponto de vista cultural, temos que render homenagens a Francisco Simões Costa, que ofereceu à Câmara Municipal uma rica Camiliana, considerada, pelos bibliófilos, a mais completa que se encontra.

São dois nomes, entre muitos. São dois exemplos, entre dezenas. Ah! o que não farão os sintrenses quando, por amor da terra, congregarem as suas fôrças, quando elaborarem um plano de acção comum, quando, enfim, as fôrças vivas do concelho, os homens de iniciativa e boa vontade, todos aqueles homens de que a região precisa, souberem colocar acima dos seus in-

teresses pessoais os interesses supremos da colectividade, quando, também, derem a sua colaboração às fôrças, às instituições oficiais, lealmente! Quem não sabe servir e obedecer, não sabe também mandar e orientar. E mandar com isenção, é, afinal, uma maneira de servir.

Sintra é um problema vasto, complexo, sob o ponto de vista turístico. Mas a sua vastidão e a sua complexidade serão diminuídas quando os homens se reúnirem, quando o espírito bairrista fôr, na verdade, uma fôrça coesiva e não um sentimento de dispersão. Nem tudo as Câmaras e as estâncias oficiais podem fazer. Aos particulares cabe também uma grande missão.

No *Diário da Manhã*, de 21 de Maio de 1940, acabamos de ler agora mesmo estas palavras, que, textualmente, transcrevemos:

«Sintra, só depois do 28 de Maio começou a conhecer o quanto era merecedora de carinhos e cuidados, pois que, até aí, nunca teve quem a tratasse e dela se ocupasse, para a tornar verdadeiramente digna do lugar que deve ter como ponto capital de turismo, que o é na verdadeira acepção da palavra».

E ainda nesse jornal se diz, ao enumerar uma grande série de melhoramentos, que foram as Câmaras, saídas da revolução de 28 de Maio, que lhe deram o primeiro impulso.

As estradas encontravam-se em lastimoso estado, e tiveram, por esse facto, de ser reconstruidas; as ruas foram reparadas; o problema da água foi resolvido com a construção de 28 chafarizes novos em várias localidades, tendo-se procedido também ao estudo hidro-geológico da Serra de Sintra, e estudado, ao mesmo tempo, a remodelação de abastecimento não só da vila mas, igualmente, de Eguaria, de Colares, de Almoçageme, de Monte Banzão e Praia das Maçãs; construiram-se colectores, fossas e canos de esgôto; fizeram-se instalações de luz eléctrica em várias localida-

des, tendo sido ampliada, até de manhã, a iluminação de toda a formosa vila.

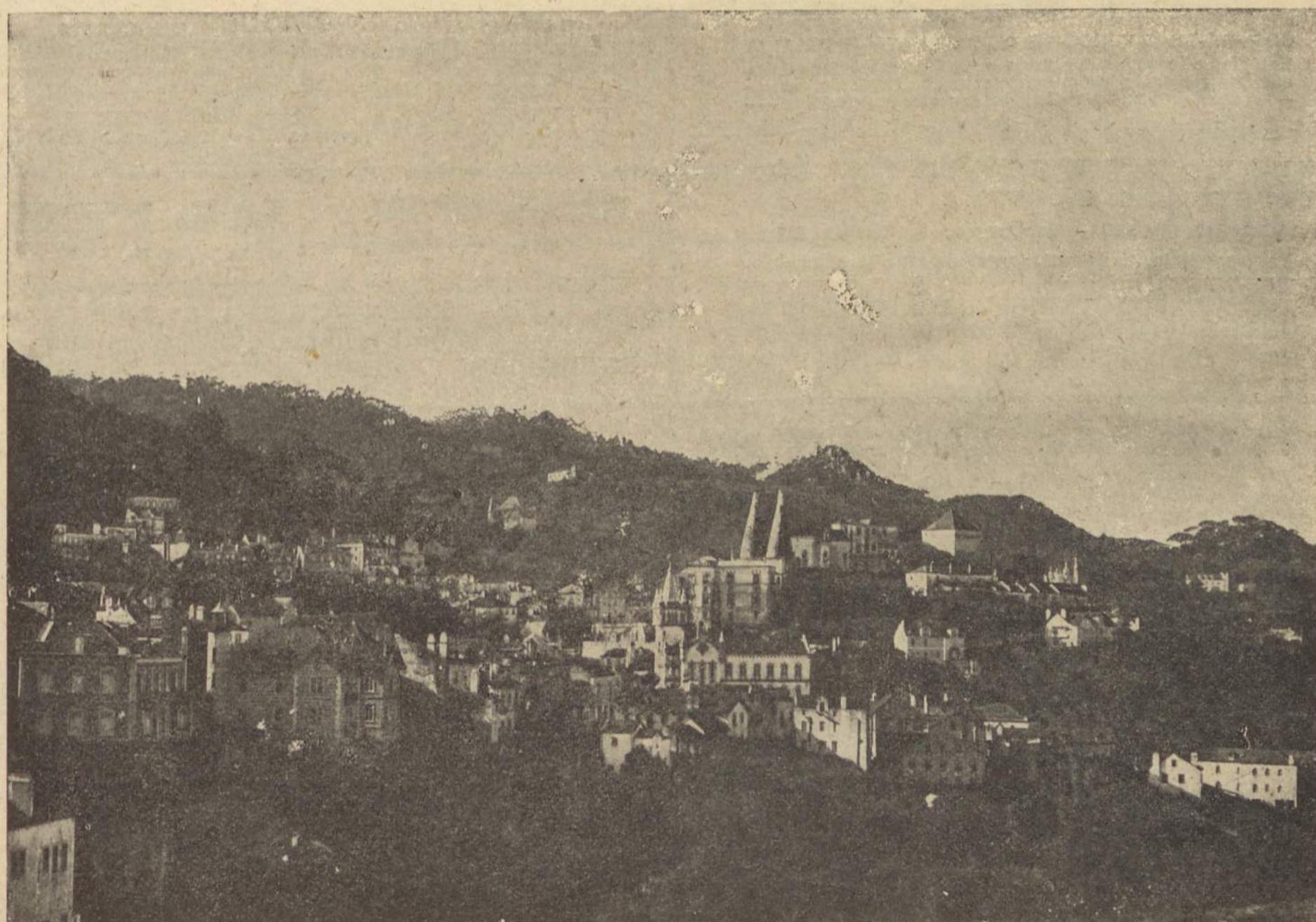
No que diz respeito à instrução, as Câmaras desenvolveram também uma grande actividade, tendo reparado interna e externamente vários edifícios escolares, e melhorado os seus respectivos mobiliários didácticos.

Com o empréstimo de 760 contos, a Câmara realizou importantes melhoramentos no Palácio do Parque Municipal, onde se encontram já instalados o Museu e a Biblioteca, na qual já foi encorporada, em sala especial, a notável Camiliana oferecida pelo sr. Simões Costa, e construiram-se naquêle parque novos arruamentos.

As obras de grande envergadura não podem ser realizadas de um momento para o outro, e os erros, vindo do passado, não se corrigem facilmente. Torna-se, por isso, muitas vezes, ingrata a missão dos que ocupam, nas administrações locais, lugares de comando e responsabilidade.

Dois distintos oficiais do exército, os srs. capitais João de Sousa Soares e Amé-

rico dos Santos, estão, de há tempos, à frente dos destinos da formosa região, o primeiro como presidente da Comissão Administrativa do Município e o segundo como Administrador do Concelho. Da simpatia que conquistaram, pela acção que, com aplauso geral, vêm desenvolvendo, tiveram ambos, recentemente, duas demonstrações, excepcionalmente entusiásticas, com os banquetes que lhes foram oferecidos em Lisboa e em Sintra. Nos discursos com que foram saudados, não se deu, apenas, relêvo às suas qualidades pessoais, exaltou-se igualmente a política nacionalista e regional, sem a qual Sintra não poderá acompanhar o ritmo acelerado com que se procede ao renascimento do país. A política regional, se não tiver a orientá-la e a agrupá-la uma grande consciência bairrista, nunca será uma força coesiva. Felizmente, os sintrenses já começaram a compreender melhor esse sentimento bairrista, que fará integrar, novamente, Sintra no seu papel de grande centro turístico de Portugal.



SINTRA — Vista geral

Sacor

Sociedade Anónima Concessionária da Refinação
de PETRÓLEOS em PORTUGAL

S. A. R. L.

Capital 15.000.000 de Escudos

REFINARIA LISBOA

(Casal das Rôlas — Cabo Ruivo)

Sede: LISBOA — Rua do Alecrim, 57

Telegramas: SACOR—LISBOA

Telefones: 28035 a 28039

OURIVESARIA
E RELOJOARIA
DE

IVO

DOS
SANTOS

COMPRA-SE E VENDE-SE OURO, PRATA E PLATINA
Relógios afiançados por 2 anos — Neste estabelecimento
encontra-se um variado sortimento de artigos de ourive-
ria próprios para brindes e adornos pessoais

2, R. Dr. Alfredo Costa, 4—Estefânia—SINTRA—Telef. 83

SEMPRE MAIS BARATO...

Na DROGARIA SIMÕES — Sucessores: A. CUNHA & C.ª, L.da
Drogas e tintas, ferragens, louças de esmalte e alumínio,
talheres, perfumarias, etc.

Sede — AVENIDA HELIODORO SALGADO, 22-C
Armazém: AVENIDA HELIODORO SALGADO, 25
A melhor casa no género em Sintra — Telef. 79 — SINTRA

HOTEL COSTA

(Nova Gerência) — SINTRA

O melhor situado — Máximo conforto — Excelentes quartos
— Recomendado pelo Automóvel Clube de Portugal e pela
S. P. P. — Classificado em 2.ª classe pelo Conselho Nacio-
nal de Turismo — COSINHA A FRANCESA

Telefone 23 — SINTRA

José António Vilela

COM

LOJA DE SOLA E CABEDAIOS
— PELARIAS NACIONAIS E
ESTRANGEIRAS — SEMPRE
— OS MINIMOS PREÇOS —

3, Av. D. Francisco d'Almeida, 3
Estefânia — SINTRA

CHAMADAS PELO TELEF. 238



JOSÉ DOS SANTOS LIMA

RUA CONSIGLIERI PEDROSO, 24

OS MAIS MODERNOS E COMODOS
AUTOMÓVEIS DE ALUGUER

OS AUTOMÓVEIS DE

José dos Santos Lima

ESTÃO EM SERVIÇO PERMANENTE NA
PRAÇA DE SINTRA

Garage e residência, Telefone 67

Jacinto Lopes Baeta, F.º, L.º da

DEPÓSITO DE FARINHAS, SEMEAS,
MASSAS, MERCEARIAS, CEREALIS,
LEGUMES E PALHA ENFARDADA

Avenida Heliodoro Salgado ESTEFANIA—SINTRA

Telefone 150

Alfaiataria Estefânia DE ARTUR A. RODRIGUES (MERCADOR)

Execução rápida e perfeita de todos os trabalhos, pelos últimos
figurinos e aos melhores preços. Fatos prontos a vestir. Sobretudos. Calças. Grande sortido de fazendas nacionais e estrangeiras

VENDAS A PRESTAÇÕES

Largo Afonso de Albuquerque, 37 — Estefânia — SINTRA

CARE ELITE

Bar Restaurante

Serviço à carta — Mariscos — Esmerado serviço de CHÁ
TEA ROOM — COCKTAIL BAR

Avenida Miguel Bombarda — Telefone 222
ESTEFANIA SINTRA

TABACARIA E CERVEJARIA BIJOU DE JOSÉ MARTINS

SINTRA — Estefânia — (Em frente da Est. do Cam. de Ferro) — Tel. 127

Vinhos engarrafados de Pasto e Colares, Licores, Pórtico, Madeira,
Champagne. Tabacos nacionais e estrangeiros. Bólos, doces e
queijadas das mais acreditadas marcas. Postais ilustrados e arti-
gos de Papelaria. Esta casa tem frigorífico próprio

PREÇOS SEM COMPETÊNCIA

OLIVIA COSTA

VENDEDORA DE OVOS
E FRUTAS

RESIDENCIA:

Avenida Heliodoro Salgado, 19
Telefone 165 SINTRA

Hotel Central SINTRA - PORTUGAL

Praça da República

(Em frente do Palácio Nacional) Telefone 63

AQUECIMENTO CENTRAL

PROPRIETÁRIO **ANTÓNIO DE JESUS RAIÓ**

SERVIÇO DE PRIMEIRA ORDEM

«Appartements» confortáveis e cuidados

Magnífica vista de terra e mar

Almoços e jantares à mesa redonda e reservada

PREÇOS MODERADOS

Recomenda-se este HOTEL aos senhores estrangeiros que visitam esta deliciosa vila

Fala-se Francês

Fala-se Inglês

TALHO E SALCHICHARIA

DE

REIS & FELIX

20, PRAÇA DA REPÚBLICA, 22

SINTRA

PROCURADORIA FISCAL E ADMINISTRATIVA

DE

ANTÓNIO SOARES RIBEIRO

SINTRA — Rua Dr. Alfredo Costa, 32 — Telef. 117

TRATA DE TODOS OS ASSUNTOS REFERENTES

- :- - A DIVERSAS REPARTIÇÕES - :- -

COMPRA E VENDE PROPRIEDADES

João Alexandre Duarte & Filho

Mercearia fina — Carnes Fumadas
Azeites de Santarém — Lagar próprio

RUA DR. ALFREDO COSTA, 6 A 14

Telefone 83 SINTRA

VIUVA NEVES & FILHO

FABRICA DAS VERDADEIRAS QUEIJADAS DA SAPA

12, Rua Elias Garcia, 14 (Antiga Est. da Vila Estefânia)

SUCURSAL DE VENDA Praça da República, 2

(Frente ao Palácio Nacional) — SINTRA

Vendem-se em Lisboa as verdadeiras queijadas da SAPA nas principais casas — Marca registada — Fabrico especial para exportação

Hotel de Inglaterra

O mais bem situado e o mais próximo do Casino do Estoril. — Inaugurado recentemente com todo o conforto moderno. Aquecimento e água corrente quente e fria em todos os quartos

DIÁRIAS DESDE 35\$00

ASCENSOR PARA TODOS OS ANDARES

ESTORIL Telefone: 161 PORTUGAL

Aguas de Sintra, L. da

Concessionária das Aguas Municipais da Serra de Sintra — AGUA DA FONTE DA SABUGA — A melhor água de mesa — Medalha de ouro da Grande Exposição Industrial Portuguesa, 1923-35 — Laranjada natural SABUGA e os mais finos refrigerantes premiados com medalha de ouro na Exposição Regional de Oeiras, 1936



Sede: RUA JOÃO DE DEUS, 6

Fábrica: T. JOÃO DE DEUS, 11-19

SINTRA — Telefone 88

OFICINA DE SERRALHEIRO DE
Laurentino da Silva Pacheco

Executam-se todos os trabalhos de construção civil, assim como estufas para jardins e ferramentas agrícolas — Fabrico especial em fogões — Reparação de bombas e encanamentos

Rua Consiglieri Pedroso, 11 — SINTRA

PADARIA
TAVARES & ALEIXO

Pão Saloio, Fino, de Viena, Bijou, de Fórmula, etc. Pão integral. ENTREGAS AOS DOMICILIOS. Esmerado fabrico
PRAÇA DA REPÚBLICA, 24 — Vila — SINTRA

PASTELARIA, CONFEITARIA, LEITARIA,
ESPECIALIDADE EM CHÁ E CAFÉ
A P R E V I D E N T E
DE A. A. SOARES

Largo Doutor Gregório d'Almeida (Em frente do hospital)
Telefone 90 SINTRA

Antiga Casa **VINTEMZINHO**
(Fundada em 1891 A mais antiga neste gênero em Sintra
Calçada da Pendôa, 6 e 8 (Próximo da Praça da República)

VINHOS — COMIDAS — TABACOS
Há 48 anos que esta casa marca pela qualidade dos seus artigos, mantendo inalteravelmente os magníficos vinhos da Carvoeira (tintos e brancos), assim como aguardentes, abafado, moscatel e vinhos de Colares, engarrafados. Comidas a preços modestos. Fornece-se almoços e jantares para fóra, como também para excursões. É a única casa com este nome em SINTRA

HOTEL MIRAMAR

MONTE ESTORIL

E L E V A D O R

Agua quente e fria em todos os aposentos

AQUECIMENTO CENTRAL, ETC.

AMERICAN BAR

TELE { fones 10 e 146 { ESTORIL
gramas MIRAMAR {

A Amadora

pela sua importancia
comercial e industrial
pode equiparar-se ás mais
florescentes vilas do país

A Amadora é uma das mais lindas vilas da linha de Sintra que de há muito conquistou legítimos foros. O esfôrço admirável da sua actividade, como centro industrial e comercial de movimento intenso, pode equiparar-se às principais vilas do país. A indústria nacional tem ali uma representação das mais brilhantes. O seu comércio alarga-se de dia para dia, as suas escolas e corporações movimentam-se dumá maneira assombrosa, que enche de alegria todos os habitantes da velha aldeia.

A Amadora, já conhecida como terra progressiva, que assegura o maior número de passageiros à linha do Caminho de Ferro de Lisboa a Sintra, é um lugar de grande beleza e ressalta pelo seu pitoresco atraente. Não lhe falta energia para marchar na vanguarda das mais progressivas e interessantes terras do país. Não lhe faltam boas vontades orientadas com acerto, servidas por desinteresses lealíssimos, motivo por que se tem desenvolvido imenso. Os seus arruamentos são de óptimo piso. Possui um lindo jardim, um mercado amplo e arejado, de recente construção, e um cinema elegantíssimo, montado com todos os requisitos, que rivaliza com os melhores sa-

lões cinematográficos de Lisboa e dá espetáculos interessantes, de geral agrado, pelas mais reputadas companhias da capital. No Salão dos Recreios Desportivos, fundado pela firma Santos Matos & C.^a, têm-se realizado também magníficas sessões de arte, sendo dignos de referência os seus recintos para jogos ao ar livre, «tennis» e patinagem. Tudo isto representa um esfôrço inteligente e simpático, de que se conclui o facto evidente da Amadora ter encontrado em diversos elementos o seu mais forte esteio de progresso e uns batalhadores valiosíssimos, que muito têm contribuído para o seu engrandecimento.

A beleza da Amadora existe nos seus modernos estabelecimentos, nos seus campos cheios de verdes luminosos e claros, no encanto do seu verão e do seu inverno.

A vila da Amadora, não sendo nenhuma terra desconhecida, tem condições para se desenvolver cada vez mais, pois tem muito por onde. Os seus homens têm trabalhado para que o constante progresso da localidade seja um facto, mas a sua acção renovadora bem merece o auxílio e o carinho de todos, e, muito especialmente, a ajuda do Estado.

QUELUZ

e o seu histórico e romântico Palácio

Por F. G.

QUELUX é uma das mais lindas povoações do concelho de Sintra, muito pitoresca, com campos cheios de arvoredo e bastante férteis. As necessidades dos seus habitantes, bons e simples, têm sido satisfeitas com grande aplauso dos beneficiados. Essa obra lá está traduzida em importantes melhoramentos públicos que abrangem todos os sectores da freguesia — atestando os processos criteriosos da Câmara Municipal de Sintra na distribuição de melhorias a tôdas as povoações do concelho.

Ninguém desconhece ainda o valor desta importante vila como uma das mais florescentes células do turismo. Neste sentido, utilíssima tem sido, como obra de propaganda, atraente e sugestiva, e como colaboração eloquente e prestimosa ajustada ao progresso de Queluz, a acção do Governo, ao qual não podemos deixar de regatear louvores por ter, recentemente, mandado reconstruir o Palácio Nacional — o velho e histórico edifício que um pavoroso incêndio destruiu em 1934. Quando, há dias, ali estivemos de visita, tivemos ocasião de reconhecer, com o maior júbilo, a perícia e a felicidade com que se procedeu às restaurações. Realizou-se obra notável. Fez-se ressuscitar das próprias cinzas o romântico palácio, onde se atearam tantas lutas e intrigas, onde ocorreram tantos episódios cheios de alegria ou de lágrimas, onde, enfim, numa série incomparável de dramas históricos, se agitaram os nossos mais tormentosos reinados.

Tudo quanto se vê no Palácio Nacional de Queluz apresenta um conjunto admirável. Há azulejos antigos que, ora esmalta-dos e de oiro fulvo, ora nas suas côres douradas e de «grande fogo», representam diferentes fantasias e as quatro estações do ano. A Sala dos Embaixadores que também se pode denominar dos Serenins tem uma opulência digna dos antigos beija-mãos festivos. As suas portas abrem sobre os jardins, na fachada das cerimónias; o seu lustre, que é entre todos os do Palácio um dos cinco primitivos, rebrilha de mocidade; nas molduras das paredes, nas suas largas portas envidraçadas, nas duas cadeiras que, a cada extremo, se erguem sob os doceis de colunas oitavadas, revestidas de espelhos, os trabalhos de talha são notáveis; o tecto, ornamentado com 43 painéis é dum grande valor artístico: representa um serenim na corte de Josefina.

E' impossível descrever em meia dúzia de linhas o que se restaurou, desde a sala do Saternim, onde avulta o famoso retrato de D. Miguel, de Ender, até ao salão do trono. Esta parte, que foi poupada pelo fogo, encontrava-se tão arruinada pelo tempo, que se podia considerar perdida. O trabalho de reconstituição foi prodigioso. Revestiram-se as paredes de sedas e damascos, adquiriram-se velhos lustres de cristais, colocaram-se espelhos, recompuzeram-se os frescos dos lambris, soalhos, tectos; enfim, criou-se o ambiente de há séculos, numa evocação de garridice galante. Na Sala de Música, da qual um dos la-

dos foi alargado numa airosa concavidade, vêm-se admiráveis talhas doiradas, permitindo o seu actual ambiente evocar as glórias musicais de outros tempos. A Sala do Trono voltou também ao seu fausto e à sua imponência decorativa.

Na capela do majestoso Palácio obraram-se verdadeiras maravilhas. Onde estava um banalíssimo altar ergue-se agora um admirável púlpito, tendo sido harmonizados com o estilo do côro os capiteis das colunas que o sustentam.

Os jardins apresentam um efeito surpreendente, sobretudo o jardim Neptuno que foi desaterrado até ao piso primitivo, rebaixando-se ao mesmo tempo tôdas as sebes de buxo e com tanta perícia êste trabalho foi realizado que o êxito destas

transplantações foi completo. No parque colocaram-se novos bancos de pedra, taças e fontes, recompuzeram-se jogos de água e repovoaram-se os pomares e o roseiral, enriquecendo a moldura do Palácio de maneira a valorizar o conjunto formoso, belíssimo e empolgante dêste velho edifício histórico, cujas dificuldades de reconstrução foram vencidas pela competência de meia dúzia de artistas: o arquitecto sr. Guilherme Rebelo de Andrade, os engenheiros srs. Leal de Faria e Marquês de Abrantes, o pintor Fernando Mardel e o chefe de entalhadores José Marcos.

Com todo o esplendor antigo, que readquiriu, o Palácio Nacional de Queluz é uma das grandes maravilhas do concelho de Sintra e quiçá de Portugal.

CENTRO COMERCIAL DE
FERREIRAS & VARANDA, L.^{DA}

Rua Alfredo Keil, 11 a 29 — Rua Elias Garcia, 189 a 195 — AMADORA

Celeiro, Mercearia, Padaria, Cervejaria, Vinhos, Louças, Vidros, Drogaria, Perfumaria, Ferragens, Carvoaria, Ferros, Aços, Artigos de Electricidade, Artigos Galvanizados, — Estância de madeira em tôdas as qualidades, Materiais de Construcção —

VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

Agentes Bancários — Sub-Agentes da Vacuum — Agentes de Companhias de Seguros

FARMACIA CAVACA

UMA DAS MAIS ANTIGAS FARMÁCIAS DA AMADORA

ESPECIALIDADES FARMACEUTICAS

Rua Elias Garcia, 209-211—AMADORA

JOÃO FILIPE ABELHA

Agente de: Máquinas de Costura MUNDLOS
Receptores de T. S. F. PHILIPS

CANDIEIROS, MATERIAL ELÉCTRICO, CALÇADO, ETC.

Rua Elias Garcia, 46—Tel. 46—QUELUZ

PENSÃO QUELUZ

ESMERADO SERVIÇO DE COSINHA — ÓTIMAS INSTALAÇÕES
ESPLENDIDA SITUAÇÃO — QUARTOS AMPLOS — GARAGE

Uma das melhores da linha de SINTRA.

QUE OFERECE O MÁXIMO CONFORTO E AS MELHORES COMODIDADES

ACEITAM-SE EXCURSÕES — ABERTA TODO O ANO

Rua Vieitas Costa, 7-9-11 — QUELUZ

A TRASMONTANA
DE
ROQUE REBELO DA ROCHA

Casa de Pasto - Cervejaria - Pastelaria - Café
Bilhares Vinhos do Pôrto e da Madeira
Champagnes - Águas Minerais e Tabacos

MESAS AO AR LIVRE / ABERTO ATÉ ÀS 2 HORAS

Avenida António Enes, 4, 6 e 8 - Telefone 56

Q U E L U Z

Manuel Gonçalves Carreira

ESTANCIAS DE MADEIRAS NACIONAIS
E ESTRANGEIRAS E TODOS OS MA-
TERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Rua Elias Garcia, 14
MINA VELHA - Telefone n.º 27 - QUELUZ

AUGUSTO FERREIRA DA SILVA BRANCO
COM
OFICINA METALÚRGICA

E
SOLDADURAS A AUTO-GÉNIO



Rua Vasco da Gama, 1 - QUELUZ

TALHO E SALSICHARIA
DE HENRIQUE FRANCISCO DA SILVA

CARNE DE PORCO, VACA, VITELA E CARNEIRO

RUA DA REPÚBLICA, 68 - QUELUZ

SAPATARIA SILVA

FORNECEDOR DA COOPERATIVA DOS EM-
PREGADOS DOS ARMAZENS GRANDELLA

Encarrega-se de todos os trabalhos pertencentes à sua arte
A PREÇOS REDUZIDOS

Rua Elias Garcia QUELUZ



Aspecto da fachada das oficinas do sr. Artur Pereira Simões

Auto-Mecânica
DE
ARTUR PEREIRA SIMÕES
SUB-AGENTE DA "ATLANTIC"

Gazolina - Óleos - Petróleo - Lubrificantes
Baterias - Acessórios - Pneus e Camaras
d'Ar - Reparações de Automóveis e Camions
a gasolina e óleos pesados, Bombas e Mo-
tores - Soldadura a Autogénio - Fabrico es-
pecial de semi-eixos e cementação de todas
as peças pelos processos mais modernos
- Construção aperfeiçoada de gazogénios
- Fundição de Bronze, Ferraria e Torneiro

TELEFONE 86 = QUELUZ

CAPELISTA MODERNA de OLÍVIA PINTO SEQUEIRA

Especialidade em roupas brancas confeccionadas para senhoras,
homem e crianças - Retrosaria, Calçado, Riscado, Panos, etc.
Não comprem noutra estabelecimento sem consultar os preços
desta casa. / **PREÇOS SEM COMPETÊNCIA**

Rua Elias Garcia, 31 (à Mina Velha) - QUELUZ

Tele } fone 42 - QUELUZ
gramas CUNHA, L. DA

Correspondentes dos Bancos
BORGES & IRMÃO
LISBOA & AÇORES

Casa António Francisco da Cunha, L. da

ARMAZENISTAS DE VINHOS E SEUS DERIVADOS

V. Ex.^a deseja adquirir os melhores vi-
nhos? - Faça os seus pedidos a esta
casa por ser uma das que mantém sem-
pre no mercado as melhores qualidades
de vinho tinto e seus derivados. - Com
camionetas próprias, distribuição rá-
pida e pessoal habilitado. - COMPRAR
nesta casa é ter a certeza de adquirir os
M E L H O R E S V I N H O S

ARMAZEM e ESCRITÓRIO:
Avenida António Enes, 24 a 30

QUELUZ

Os nossos mortos

CAPITÃO BELMIRO AUGUSTO
VIEIRA FERNANDES

Faleceu no dia 14 do mês findo em Lisboa, o capitão de Infantaria, na situação de reserva, Belmiro Augusto Vieira Fernandes, natural de Lagos.

Belmiro Fernandes, após o 28 de Maio, foi nomeado Administrador do Concelho de Sintra, lugar onde se conservou muito tempo até pouco depois do falecimento de seu cunhado, o coronel João Luís de Moura, que foi Governador Civil de Lisboa. Ocupou também durante muito tempo o lugar de Presidente da Câmara do mesmo Concelho, e, então, não lhe faltavam amigos dos conhecidos por «conveniências». Quem escreve estas linhas lembra um caso curioso por nele ter tomado parte activa.

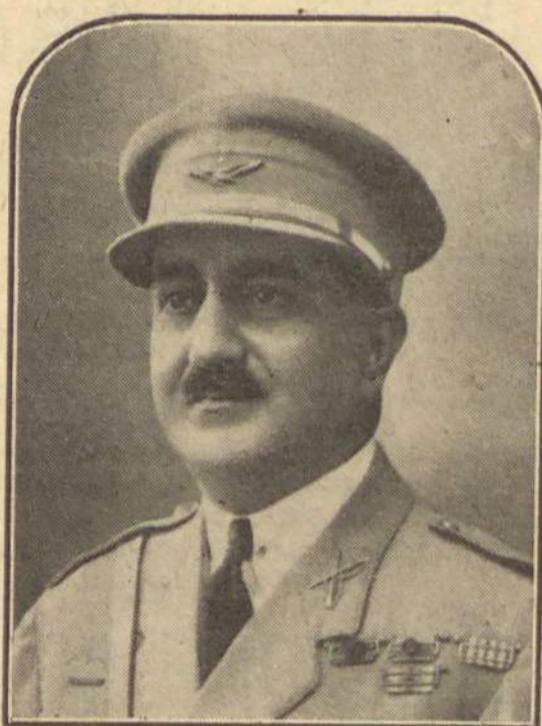
Um conhecido lavrador da linha do Oeste tinha qualquer questão com o matadouro de Sintra e solicitou a intervenção de determinada pessoa para que junto do capitão Belmiro conseguisse não ser punido. Depois de muitos trabalhos foi o lavrador condenado (particularmente) a dar uma rês para o hospital local.

O homenzinho ficou satisfeitíssimo e agradeceu reconhecidamente (isto sem ofertas de qualquer espécie).

Pois quando o capitão Belmiro deixou o cargo de Administrador de Concelho o bom do lavrador encontra a pessoa a quem fez o pedido e diz: «então lá se foi embora aquele patife». E são assim os homens; esquecem-se depressa das pessoas, só tendo em conta os «seus interesses». E lá por Sintra há muito disto.

* * *

Ao funeral do capitão Belmiro Vieira Fernandes compareceram onze pessoas: 6 senhoras, 3 oficiais do exército, o enteado e Carlos d'Ornelas que representou a *Gazeta dos Caminhos de Ferro*.



Capitão Belmiro Fernandes

D. MARIA DAS NEVES MAYER

No dia 2 do corrente mês faleceu, em Muge, a sr.^a D. Maria das Neves Mayer, estremosa mãe do sr. José Mayer, conceituado comerciante de Lisboa, e nosso querido amigo; das senhoras D. Maria Mayer Raposo, D. Lucinda Mayer Gonçalves, D. Maria Luiza Mayer Dionísio Palhavã de Almeida e do sr. Vital Mayer.

A veneranda senhora era muito estimada pelas suas qualidades e virtudes e deixou profundo pesar em quantos a conheceram e participaram da sua bondade e do seu acolhimento generoso e fidalgio. O funeral, que foi muito concorrido, constituiu uma comovente demonstração de pesar e de saudade por parte das numerosas pessoas que a acompanharam à sua última morada. Jaz em jazigo de família no cemitério da vila de Muge.

No funeral, encorporaram-se organizações de toda a espécie e quase todos os moradores de Muge e arredores. Dirigiu o funeral o nosso Director, sr. Carlos d'Ornelas.

A *Gazeta dos Caminhos de Ferro* apresenta a toda a família e em especial a José Mayer sentidos pêsames.

CAPITÃO FARIA E MAIA DA CUNHA

Em Ponta Delgada (Açores) faleceu recentemente o capitão de infantaria Luís Machado Faria e Maia da Cunha, de 50 anos, casado com a sr.^a D. Eduarda de Miranda Faria e Maia da Cunha.

O capitão Faria e Maia da Cunha era um oficial muito distinto que fez parte do Corpo Expedicionário Português a França para onde embarcou a 28 de Agosto de 1918, regressando à metrópole em 1 de Maio de 1919.

Era condecorado com as medalhas da Victória; Medalha Comemorativa de Ponta Delgada «Defesa Marítima»; Medalha Comemorativa das Campanhas do Exército Português «França 1917-1918» e Grau de Oficial da Ordem Militar de Aviz. Foi também em Ponta Delgada no meio micaelense figura marcante, tendo sido presidente da Câmara e da Junta Geral, comissário de Polícia e governador civil e actualmente era delegado da Junta Nacional de Frutas junto do Grémio dos Exportadores de Frutas e Produtos Hortícolas da Ilha de S. Miguel.

A família enlutada apresenta a *Gazeta dos Caminhos de Ferro* o seu cartão de pêsames.



Capitão Luís Faria e Maia da Cunha

P A R T E O F I C I A L



MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS E COMUNICAÇÕES

Direcção Geral de Caminhos de Ferro

O «Diário do Governo», n.º 180, II série, de 5 de Agosto, publica o seguinte:

De conformidade com o determinado no artigo 3.º do decreto-lei n.º 27:665, de 24 de Abril de 1937, foi aprovado, por despacho da Direcção Geral de Caminhos de Ferro, de 29 do corrente, o 1.º aditamento à tarifa especial n.º 7, passageiros, pelo qual são incluídos no capítulo II da mesma tarifa os grupos de filiados da Mocidade Portuguesa, conforme projecto apresentado pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

O «Diário do Governo» n.º 183, II série, de 8 de Agosto, publica o seguinte:

Por despacho de 3 de Agosto de 1940:

António Pereira Pinto Bravo, arquitecto de 3.ª classe do quadro permanente — concedidos trinta dias de licença, nos termos do artigo 12.º do decreto n.º 19:478, de 18 de Março de 1931.

O «Diário do Governo» n.º 185, II série, de 10 de Agosto, publica o seguinte:

Por despacho de 5 do corrente mês:

Carlos de Castro Pereira Pais, engenheiro mecânico de 3.ª classe do quadro permanente — concedidos trinta dias de licença, ao abrigo do artigo 12.º do decreto n.º 19:478, de 18 de Março de 1931.

O «Diário do Governo» n.º 187, II série, de 13 de Agosto, publica o seguinte:

Por portaria de 1 do corrente, visada pelo Tribunal de contas em 5:

Reformados, nos termos dos artigos 23.º, 26.º, 27.º e 29.º do regulamento da Caixa de Reformas e Pensões dos Caminhos de Ferro do Estado, aprovado pelo decreto n.º 16:242, de 17 de Dezembro de 1928, os seguintes funcionários dos referidos Caminhos de Ferro, que ficam com as pensões mensais adiante mencionadas:

Da rede do Sul e Sueste

Francisco Mário da Silveira, empregado de 1.ª classe	298\$70
--	---------

Da rede do Minho e Douro

João de Paiva, revisor de 2.ª classe	469\$08
Diniz Rodrigues, condutor de 1.ª classe	613\$19
(São devidos emolumentos, nos termos do decreto n.º 22:257).	

Por contrato celebrado em 29 de Julho findo, aprovado por S. Ex.ª o Sub-Secretário de Estado das Obras Públicas e Comunicações em 1 do corrente mês e visado pelo Tribunal de Contas em 5:

Armando Pires Tavares, engenheiro mecânico — nomeado engenheiro mecânico de 3.ª classe do quadro permanente desta Direcção Geral, por concurso documental, nos termos dos artigos 21.º, 23.º e 27.º do decreto-lei n.º 26:117, de 23 de Novembro de 1935.

(São devidos emolumentos, nos termos do decreto n.º 32:257).

Por despacho de 6 do corrente mês:

Albino Machado da Encarnação, desenhador de 3.ª classe do quadro permanente — concedidos trinta dias de licença, ao abrigo do artigo 12.º do decreto n.º 19:478, de 18 de Março de 1931.

Aníbal Simões Pedro, escrivário de 2.ª classe do quadro permanente — idem vinte e cinco dias, nos termos do mesmo artigo e decreto.

António Duarte da Silva Casa Nova, encarregado de obras de 2.ª classe, adido, nos termos do decreto n.º 26:504 — idem trinta dias, nos termos do mesmo artigo e decreto.

Por despacho de 8 do corrente mês:

Flávio José Costa Borges, engenheiro de 3.ª classe do quadro permanente — concedidos trinta dias de licença, ao abrigo do artigo 12.º do decreto n.º 19:478, de 18 de Março de 1931.

Eliseu Pereira de Almeida Martins, escrivário de 1.ª classe do quadro permanente — idem, idem, idem.

Manuel Alexandre Paixão, escrivário de 2.ª classe do quadro permanente — idem, idem, idem.

Preciosa Piedade Madureira de Oliveira Teixeira, dactilografa do quadro permanente — idem, idem, idem.

Júlio Fernandes, contínuo de 2.ª classe do quadro permanente — idem, idem, idem.

Artur José da Silva Campos, condutor de 1.ª classe de vias e obras, do quadro transitório — idem, idem, idem.

Manuel de Jesus da Silva, desenhador contratado — idem, idem, idem.

Nos termos do disposto no artigo 21.º do decreto n.º 27:236, de 23 de Novembro de 1936, se publica a lista provisória dos candidatos admitidos ao concurso para engenheiros mecânicos de 2.ª do quadro permanente desta Direcção Geral, a que se refere o aviso publicado no «Diário do Governo» n.º 130, 2.ª série, de 6 de Junho findo:

José de Moura Feio Terenas

Carlos de Castro Pereira Pais.

Para reclamações à presente lista é dado o prazo de oito dias, contados da data da publicação da mesma lista no «Diário do Governo».

O «Diário do Governo» n.º 192, II série, de 19 de Agosto, publica o seguinte:

Por despacho de 8 do corrente:

Demóstenes Freitas Romeu de Oliveira, segundo oficial

Talho da CARNE DE CAVALO

Já experimentou comer Carne de Cavalo? Pois devê experimentar!

Segundo as opiniões dos médicos veterinários é a mais nutritiva de todas as carnes

Lombo 10\$00 — Carne limpa 8\$00

Dirija-se à

Praça do Chile, 14 — LISBOA

ENTREGAS AO DOMICÍLIO

Para assar com osso 5\$00 — Coser 2\$00

Telefone: 49002

do quadro permanente — concedidos seis dias de licença, ao abrigo do artigo 12º do decreto n.º 19:478, de 18 de Março de 1931.

Mário Luiz Martins, terceiro oficial do quadro permanente — concedidos trinta dias de licença, ao abrigo do artigo 12º do decreto n.º 19:478, de 18 de Março de 1931.

Por despacho de 13 do corrente mês:

Cândido Ferreira, mestre de obras, adido, ao abrigo do decreto n.º 26:504 — concedidos trinta dias de licença, nos termos do artigo 12º do decreto n.º 19:478, de 18 de Março de 1931.

Manuel Tavares, maquinista, adido, ao abrigo do decreto n.º 26:504 — concedidos trinta dias de licença, nos termos do artigo 12º do decreto n.º 19:478, de 18 de Março de 1931.

Por despacho de 14 do corrente:

Alfredo Maria dos Santos, escriturário de 2ª classe do quadro permanente — concedidos trinta dias de licença, ao abrigo do artigo 12º do decreto n.º 19:478 de Março de 1931.

O «Diário do Governo» n.º 177, II série, de 1 de Agosto, publica o seguinte:

Repartição dos Serviços Gerais

Secção do Expediente, Pessoal e Arquivo

Para os devidos efeitos se publica que, a partir de 12 do corrente, foram demitidos, a seu pedido, pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, onde se encontravam prestando serviço nos termos da regra 3.ª do artigo 15.º do contrato de arrendamento das linhas férreas do Estado, de 11 de Março de 1927, o serralheiro de 4.ª classe António Fernandes Ferreira e o serralheiro de 5.ª classe Arnaldo Pereira Pinto, ambos da rede do Minho e Douro, que à data do arrendamento das linhas eram aprendizes das oficinas da mesma rede.

O «Diário do Governo» n.º 178, II série, de 2 de Agosto, publica o seguinte:

Por despacho de 29 do corrente:

João Veríssimo de Sousa Neves, primeiro oficial do quadro permanente — concedidos trinta dias de licença graciosa, nos termos do artigo 12º do decreto n.º 19:478.

António da Silveira Ferreira Sarmento, pagador de 1.ª classe — idem, idem, idem.

O «Diário do Governo» n.º 180, II série, de 5 de Agosto, publica o seguinte:

Por despacho de 31 de Julho:

João Agnelo Mendes dos Reis, terceiro oficial do quadro permanente — concedidos trinta dias de licença graciosa, nos termos do artigo 12º do decreto n.º 19:478.

O «Diário do Governo» n.º 181, II série, de 6 de Agosto, publica o seguinte:

Por despacho de 8 do corrente:

Júlio Augusto, contínuo de 2.ª classe do quadro permanente — concedidos trinta dias de licença graciosa, nos termos do artigo 12º do decreto n.º 19:478.

António Vieira, idem, idem — idem trinta dias.

Mário dos Santos Vieira, servente, idem, idem — idem trinta dias.

O «Diário do Governo» n.º 185, II série, de 10 de Agosto, publica o seguinte:

Repartição de Estudos, Via e Obras

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações, concordando com o parecer da comissão a que se refere o decreto n.º 19:881, que seja declarada sobrante uma parcela de terreno com a superfície de 158^{m²}, 45, à direita da linha férrea de Leste, entre os quilómetros 190,250 e 199,310, nos termos do § 2.º do artigo 2.º do decreto-lei n.º 22:562, de 23 de Maio de 1933.

A referida parcela de terreno está situada na freguesia de Nossa Senhora dos Mártires,

concelho de Crato, distrito de Portalegre, e confronta ao norte com o caminho de ferro, ao sul e poente com a estrada nacional n.º 89-2.ª e ao nascente com o largo de acesso à estação.

Esta parcela de terreno fica na posse da Junta Autónoma de Estradas e não é devida qualquer indemnização.

Concordando com o parecer da comissão a que se refere o artigo 2.º do decreto n.º 19:881, aprovo o projecto de substituição do tabuleiro metálico do pontão situado ao quilô-



BRITISH OVERSEAS AIRWAYS

A passagem simples é de 2750 escudos. Demais informações do representante da BRITISH OVERSEAS AIRWAYS, a/c James Rawes & Co. Rua Bernadino Costa 47, Lisboa; E. Pinto Basto & Cia. Ltda., Avenida 24 de Julho 1, Lisboa e todas as agências de viagens importantes.

metro 123,423.95 da linha férrea de Évora a Vila Viçosa, apresentado pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

Concordando com o parecer da comissão a que se refere o artigo 2.º do decreto n.º 19:881, aprovo o projecto de substituição do tabuleiro metálico do pontão situado ao quilómetro 123,051.10 da linha férrea de Évora a Vila Viçosa, apresentado pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

Concordando com o parecer da comissão a que se refere o artigo 2.º do decreto n.º 19:881, aprovo o projecto de substituição do tabuleiro metálico do pontão situado ao quilómetro 129,423.50 da linha férrea de Évora a Vila Viçosa, apresentado pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

Concordando com o parecer da comissão a que se refere o artigo 2.º do decreto n.º 19:881, aprovo o projecto de substituição do tabuleiro metálico do pontão situado ao quilómetro 127,897 da linha férrea de Évora a Vila Viçosa, apresentado pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

O «Diário do Governo» n.º 188, II série, de 14 de Agosto, publica o seguinte:

Concordando com o parecer da comissão a que se refere o artigo 2.º do decreto n.º 19:881, aprovo o projecto de substituição do tabuleiro metálico do pontão situado ao quilómetro 131,162.73 da linha férrea de Évora, apresentado pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

Concordando com o parecer da comissão a que se refere o artigo 2.º do decreto n.º 19:881, aprovo o projecto de substituição do tabuleiro metálico do pontão situado ao quilómetro 131,576.65 da linha férrea de Évora, apresentado pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

Concordando com o parecer da comissão a que se refere o artigo 2.º do decreto n.º 19:881, aprovo o projecto de substituição do tabuleiro metálico do pontão situado ao quilómetro 131,990.40 da linha férrea de Évora, apresentado pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

Concordando com o parecer da comissão a que se refere o artigo 2.º do decreto n.º 19:881, aprovo o projecto de substituição do tabuleiro metálico do pontão situado ao quilómetro 131,936.15 da linha férrea de Évora, apresentado pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

Concordando com o parecer da comissão a que se refere o artigo 2.º do decreto n.º 19:881, aprovo o projecto de substituição do tabuleiro metálico do pontão situado ao quiló-

metro 132,649.20 da linha férrea de Évora, apresentado pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

Concordando com o parecer da comissão a que se refere o artigo 2.º do decreto n.º 19:881, aprovo o projecto de substituição do tabuleiro metálico do pontão situado ao quilómetro 133,830.35 da linha férrea de Évora, apresentado pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

Concordando com o parecer da comissão a que se refere o artigo 2.º do decreto n.º 19:881, aprovo o projecto de substituição do tabuleiro metálico do pontão situado ao quilómetro 132,981.95 da linha férrea de Évora, apresentado pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

Concordando com o parecer da comissão a que se refere o artigo 2.º do decreto n.º 19:881, aprovo o projecto de substituição das vigas metálicas do aqueduto situado ao quilómetro 133,452.60 da linha férrea de Évora, apresentado pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

O «Diário do Governo» n.º 177, III série, de 1 de Agosto publica o seguinte:

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Serviço de Contabilidade Central

Caixa de Reformas e Pensões

EDITOS DE TRINTA DIAS

A contar da publicação dêste anúncio no «Diário do Governo» correm éditos de trinta dias para se habilitarem, junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, todas as pessoas que se julguem com direito ao total ou a parte da pensão de sobrevivência legada por Manuel Ramos, carregador, contribuinte n.º 6:495, residente em Lisboa, falecido em 31 de Maio de 1940, entregando os necessários documentos de habilitação ou impugnando os requerimentos já apresentados para esse fim por Elisa da Silva Ramos e Manuel da Silva Ramos, viúva e filho menor.

Findo êste prazo, será, para os devidos efeitos, tomada deliberação em conformidade com o estabelecido no regulamento de 1913, em que o falecido estava escrito.

O «Diário do Governo» n.º 179, III série, de 3 de Agosto, publica o seguinte:

A contar da publicação dêste anúncio no «Diário do Governo» correm éditos de trinta dias para se habilitarem, junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, todas as pessoas incertas que se julguem com direito ao total ou a parte das importâncias que ficaram em dívida ao falecido reformado n.º 694 dos Caminhos de Ferro do Estado (Sul e Sueste), capataz principal, Manuel Vicente, provenientes de abonos por pagar até ao seu falecimento, a cujo pagamento se habilitam, nesta data, Mariana de Jesus Violante, Virgínia e Elvira, viúva e filhas do mesmo.

Findo o prazo indicado e não havendo qualquer impugnação, será ordenado o pagamento do que fôr devido às interessadas.

Quereis dinheiro?
JOGAI NO

Gama

Rua do Amparo, 51
LISBOA
Sempre Sortes Grandes!

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses
DA BEIRA ALTA

Serviço dos Armazens Gerais

Aquisição de lenha de eucalipto

Até ao dia 30 de Setembro corrente, recebe esta Companhia propostas para o fornecimento de lenha de eucalipto, rachada, até à quantidade de duas mil toneladas.

Os elementos de informação referentes a esta aquisição encontram-se patentes no Serviço dos Armazens Gerais da Companhia, em Figueira da Foz, devendo todos os esclarecimentos ser pedidos ao Chefe desse serviço, a quem igualmente deverão os concorrentes dirigir as respectivas propostas.

Figueira da Foz, 16 de Setembro de 1940.

O Engenheiro Director da Exploração,
(a) Fernando d'Arruda

Vassouraria da Esperança
— DE —
BERNARDINO SILVA SOLNADO

Fabrico especial em escovas de palheta de aço e escovões de piassaba para estradas — Fornecimentos completos em escovas de todas as qualidades — INDÚSTRIA NACIONAL

AVENIDA PRESIDENTE WILSON, 98
LISBOA — Telefone 6 2627

CASA

"Lopes de Sequeira"

FUNDADA EM 1874

Rouparia para Homem e Senhora, Bijouteria

Rua do Ouro, 291 e 293
Telefone 2 6433 — LISBOA

O SUISSO ATLANTICO HOTEL

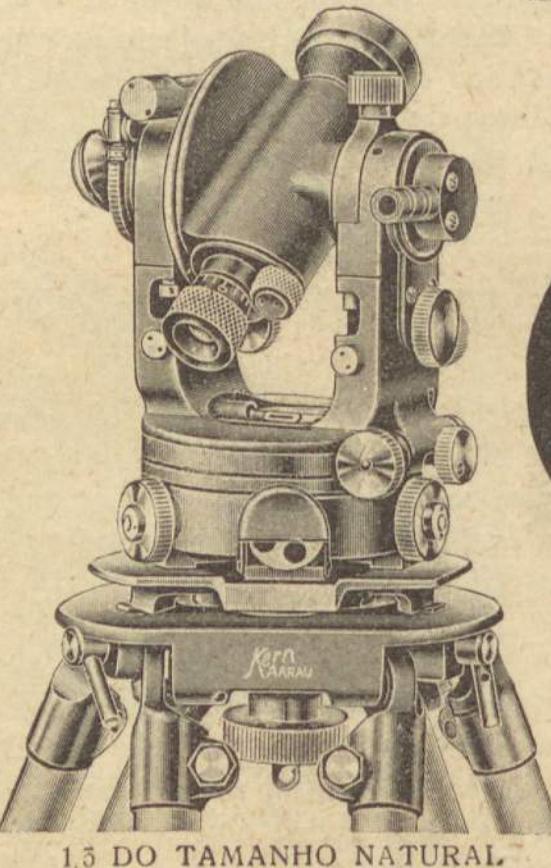
Roga que experimentem o seu tratamento e preços sem confronto. Muito especial para família. Condição única pelo socego.

Rua da Glória, 3 — Telefone 21925

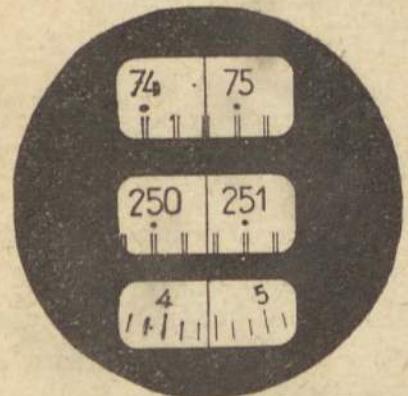


PÓS DE KEATING
MAS TEM DE SER KEATING

MANUAL DO VIAJANTE
EM PORTUGAL
I.º VOLUME
LISBOA
e
ARREDORES
7.ª EDIÇÃO
Á VENDA
EM TODAS
AS LIVRARIAS



Kern
AAARAU
SUISSE



360°
CIRC. VERT.
74°40'
• 4'26"
74°44'26"

Teodolito de círculo duplo DK M 1 com micrometro óptico — Construção Dr. H. WILD

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS:

AUMENTO	20 vezes
DIÂMETRO DA OBJECTIVA	30 m/m
DIÂMETRO DO CIRC. HOR. E VERT.	50 m/m
PEZO	1,8 kgs.

AGENTES EM LISBOA:

CARLOS GOMES & C.ª L. DA

Agencia Internacional Aduaneira
MANUEL B. VIVAS, LIMITADA

TRANSPORTES INTERNACIONAIS
DESPACHOS, TRANSITO E REPRESENTAÇÕES

Casas em:
LISBOA VILAR FORMOSO
RUA DO ARSENAL, 124, 1.º (FRONTEIRA PORTUGUESA)
End. Teleg.: TRANSPORTES End. Teleg.: VIVAS
BEIRAM (MARVÃO)
(FRONTEIRA PORTUGUESA)
End. Teleg.: VIVAS



JOÃO DE DEUS

PORTUGAL

1140

1640

1940

O DUPLO CENTENARIO

Quem vier à *Exposição do Mundo Português* deve seguidamente *ler ou reler* algumas obras como as seguintes:

História de Portugal por António G. Matoso, 2 vols. reunindo 865 pags. e 401 gravuras, 50\$00

Esta edição aparecida na altura em que Portugal se prepara para celebrar as comemorações do duplo centenário: — fundação e restauração — destina-se a todos que queiram ter à mão uma História de Portugal de consulta rápida. É uma obra séria em que a verdade histórica é respeitada e tanto assim que uma outra edição, resuma desta, foi aprovada oficialmente para todos os liceus como livro único.

Facilita-se a aquisição em 12 prestações.

Os Lusiadas — O grande poema de Camões numa adaptação em prosa ao alcance de todos por João de Barros, 1 vol. ilustrado, 12\$50

Porque me Orgulho de ser Português por Albino Forjaz de Sampaio, 6\$00.

Crónica do Condestável Nun'Alvares Pereira a figura do Condestável possue o maior interesse nacional e humano, 1 vol. ilustrado, 12\$50.

Viriato Trágico adaptação em prosa e célebre poema antigo de B. G. Mascarenhas por João de Barros. **Viriato Trágico** é uma das nossas melhores epopeias que nenhum português deve deixar de ler porque ali se descrevem os primeiros passos da nossa nacionalidade, 1 vol. ilustrado, 12\$50.

E muitas outras obras cuja leitura se impõe nesta época. Peçam o catálogo especial que se envia grátis.

LIVROS ESCOLARES

A Livraria Sá da Costa, que é a editora da maior parte dos livros de ensino, fornece os livros de todos os autores e editores.

Peçam os seus respectivos catálogos.

MOBILIÁRIO E MATERIAL ESCOLAR. Peçam orçamentos.

Livraria Sá da Costa--Editora, 24, Poço Novo--Lisboa